

Cardoso, Denise Porto; "Atitudes", p. 35-114 . In:
**Atitudes Linguísticas e Avaliações Subjetivas
de Alguns Dialeto Brasileiros.** São Paulo:
Blucher, 2015. ISBN: 978-85-8039-099-5, DOI
10.5151/BlucherOA-atitudeslinguisticas-006

4

CAPÍTULO

ATITUDES

4.1 ATITUDES LINGUÍSTICAS DO FALANTE DE ARACAJU

Nesta seção serão levantados, descritos e discutidos aspectos das atitudes linguísticas manifestadas pela amostra “em ausência” da fala de outro, ou seja, em ausência de estímulo de fala. Servirão como estímulo aos julgamentos dos informantes apenas as questões propostas pelo instrumento da pesquisa.

Na análise dos dados, não trabalhamos com a escala valorativa de seis itens utilizada no questionário, mas englobamos os resultados em apenas dois itens: um positivo, somando os totais dos três primeiros, e um negativo somando os três últimos. Assim, na primeira pergunta:

1. “acho a fala (modo de falar) do aracajuano:”

bonita 16: 17: 24 | 7: 3: 5 feia.

Feita a reunião da soma dos itens, encontramos o seguinte resultado: bonita 57 | 15 feia.

Optamos por um resultado apenas de sim/não, porque, durante a aplicação do questionário, os informantes emitiam oralmente uma afirmação positiva e, ao marcarem, assinalavam a segunda ou mesmo a terceira coluna. O mesmo aconteceu com “a fala baiana é arrastada. É lenta”, e assinalavam a quarta ou quinta coluna. Por isso mesmo, após a computação dos dados, julgamos prescindir da escala valorativa de seis itens.

A escala usada por nós no questionário se baseia na do diferencial semântico de Osgood (1963), que visa a medir atitudes e dá a cada coluna das respostas um valor numérico que vai de + 3 a - 3. Como o nosso interesse não é medir atitudes, mas apenas apreendê-las, abrimos mão da escala valorativa e aproveitamos apenas seu potencial de polarização entre duas posições.

Quatro características linguísticas e sociolinguísticas orientaram a elaboração das perguntas do questionário. A primeira está relacionada com a qualidade puramente estética da língua e estabelece oposições do tipo:

- a) “bonito” – “feio”
- b) “agradável” – “desagradável”
- c) “melodiosa” – “sem melodia”

que são características relacionadas à qualidade da voz em geral. Entendemos aqui “qualidade da voz” na acepção de Crystal (1988, p.216): “expressão usada na fonética com referência ao traço de fala permanente presente que identifica uma pessoa”. O par “bonito - feio” está ligado principalmente ao domínio do estético, ou seja, do “gosto”; o par “agradável - desagradável” faz parte do domínio do hedônico, ou seja, do sensível, enquanto o par “melodioso - sem melodia” trata do domínio musical, ou seja, auditivo.

O segundo grupo de perguntas apresenta características dialetais:

- a) “cantada” – “não cantada”
- b) “chiada” – “não chiada”
- c) “lenta” – “rápida”

Essas características são muito subjetivas, já que não há fronteiras muito precisas na distribuição de cada um dos polos da posição. No entanto, essas

qualidades estão na base dos estereótipos dialetais mais comuns dentro da comunidade linguística brasileira.

O terceiro grupo apresenta características estilísticas:

- a) “clara” – “confusa”
- b) “expressiva” – “inexpressiva”
- c) “simples” – “complicada”

São características relacionadas com os aspectos discursivos da língua, que nos informam a emoção sistematizada nos atos de linguagem. O par “clara - confusa” trata da inteligibilidade da fala; o par “expressiva - inexpressiva” se refere tanto a seu conteúdo emocional quanto a qualquer identidade que possa adotar em termos da personalidade ou criatividade individual do usuário” (CRYSTAL, 1988, p.105), enquanto o par “simples - complicada” abrange o modo como é visto o que é dito, a simplicidade em relação ao entendimento da fala.

O quarto grupo apresenta características socioculturais do tipo:

- a) “conhecida” – “desconhecida”
- b) “importante” – “sem importância”

Mais do que um componente que qualifica a fala de um grupo, essas são características que mostram como o dialeto se projeta em relação a outros dialetos do português do Brasil.

4.1.1 Atitudes linguísticas na variável “sexo”

4.1.1.1 A variável “sexo” em relação ao dialeto do informante

Analisando a variável “sexo”, obtivemos sempre uma atitude positiva do aracajuano em relação ao seu próprio dialeto, quer se tratasse do sexo masculino, quer do feminino. A tabela nº 1 nos mostra isso.

TABELA Nº 1 Atitudes linguísticas na variável “Sexo”

CARACTERÍSTICAS		RESPOSTAS AFIRMATIVAS/ VARIÁVEL “SEXO”							
		Aracaju		Salvador		Maceió		Rio de Janeiro	
		M	F	M	F	M	F	M	F
ESTÉTICAS	“bonitas”	72,2%	86,1%	38,8%	44,4%	51,4%	30,5%	88,8%	91,6%
	“agradáveis”	77,7%	97,2%	75,0%	58,3%	77,7%	36,1%	86,1%	83,3%
	“melodiosa”	69,4%	63,8%	63,8%	52,7%	48,5%	33,3%	72,2%	83,3%
DIALETAIS	“cantada”	66,6%	75,0%	77,7%	88,8%	62,8%	41,6%	52,7%	66,6%
	“chiada”	16,6%	19,4%	66,6%	72,2%	40,0%	27,7%	83,3%	77,7%
	“lenta”	63,8%	66,6%	69,4%	52,7%	68,5%	50,0%	30,5%	52,7%
ESTILÍSTICAS	“clara”	83,3%	83,3%	58,3%	47,2%	74,2%	30,5%	83,3%	91,6%
	“expressiva”	75,0%	80,5%	80,5%	69,4%	74,2%	33,3%	91,1%	91,6%
	“simples”	88,8%	97,2%	61,1%	50,0%	82,8%	52,7%	75,5%	55,5%
SOCIO-CULTURAIS	“conhecida”	88,8%	83,3%	88,8%	91,6%	80,0%	80,5%	97,2%	100,0%
	“importante”	69,4%	66,6%	72,2%	66,6%	74,2%	41,6%	88,8%	83,3%

As características puramente estéticas são as mais subjetivas. Não há critério que indique como e porque um informante acha uma fala “bonita” ou “feia”, “agradável” ou “desagradável”, “melodiosa” ou “sem melodia”. Confirmando nossas suposições iniciais, os aracajuanos manifestaram atitudes francamente positiva, reveladas pela alta concentração de respostas afirmativas às características relacionadas com as qualidades da voz em geral.

As características dialetais são aquelas que mais estigmatizam os nordestinos ao saírem de suas terras. Assim, a TV, quando caracteriza o nordestino, enfatiza a abertura das vogais, a despalatalização do “t” e “d” antes da vogal anterior alta e uma curva de entoação final descendente e prolongada do tipo “foi não”. Todavia, essa caracterização é tão artificial aos ouvidos do falante nordestino como autêntica aos ouvidos do imitador. Nossa pesquisa demonstrou que os informantes têm consciência tanto dessas características, como do fato de que elas são estigmatizadas, pois os índices estão sempre acima de 60%, exceto no item “chiado”, em que a palatalização do “t” e “d” antes de “i” é a característica da fala carioca mais percebida pelo nordestino quando emigra para o Rio de Janeiro. Por isso, tenta um processo de “camuflagem” linguística em que, através do ocul-

tamento da origem dialetal, poderia esconder sua origem regional e passa a usar um dialeto que nem é local nem de origem.

As características estilísticas apresentam, no seu conjunto, o mais alto grau de atitudes positivas. Como o seu modo de falar é o mais conhecido, não só pela fonologia como pela sintaxe e vocabulário, o aracajuano engloba tudo isso dentro da clareza, simplicidade e expressividade de sua própria fala.

As características socioculturais apresentam um dos poucos resultados em que há um maior índice de aceitação masculina.

Os informantes do sexo feminino apresentam apenas três itens, “melodioso”, “conhecido”, “importante”, em que o percentual demonstrativo de suas atitudes está abaixo das atitudes dos informantes masculinos.

4.1.1.2 *A variável “sexo” em relação à fala baiana*

A atitude do aracajuano com relação à fala do baiano é, de maneira geral, positiva, embora os números sejam inferiores na posição relacionada com o seu dialeto.

Nas características estéticas encontramos uma grande diferença em relação à fala de Aracaju. O índice relativo a “bonito” é o mais baixo (38,8%) apresentado pelos informantes do sexo masculino. A maior discrepância que encontramos na variável “sexo” foi no item “agradável”, porque há uma diferença de cerca de 20 pontos percentuais entre o masculino e o feminino (75,0% e 58,3%). A atitude masculina em relação à fala baiana fica pouco abaixo de sua afirmação em relação ao seu próprio dialeto, enquanto a atitude feminina sequer atinge um índice médio.

As qualidades dialetais mais estigmatizadas são fortemente marcadas, principalmente a característica “cantada”; esse resultado nos faz questionar se a característica de ser a fala “cantada” é uma característica positiva. A percentagem relativa ao item “cantado” é uma das poucas em que a fala do baiano é avaliada como superior à fala do aracajuano, tanto pelo sexo feminino como pelo masculino. Isso confirma a nossa opinião de que o “não chiado”, como uma característica estigmatizada, é pouco percebida. Convém lembrar que o aracajuano não palataliza o “t” e “d” antes da vogal “i”, mas o baiano o faz. Quanto à oposição “lenta - rápida” acreditamos que, em termos de contato entre falantes de diferentes línguas, os usuários de uma das línguas, com relação aos da outra, tendem a perceber a fala destes, quanto à velocidade, como “mais rápida”; daí parecer que

os outros sempre falam depressa. Isso é corroborado em se tratando do sexo feminino, mas não em se tratando do masculino, quando temos dois falares diferentes do que o próprio.

Nas características socioculturais, os informantes do sexo masculino declararam que o falar baiano é tão “conhecido” quanto o seu (88,8%), já o sexo feminino apresenta uma das poucas atitudes marcadamente positivas, em relação à fala baiana (91,6%). O sexo feminino aceita, então, que o falar baiano é mais conhecido que o seu próprio. Em relação ao par “importante - sem importância”, o que vemos é uma inversão. A porcentagem masculina (72,2%) é superior à feminina (66,6%). Para os informantes de sexo masculino, a fala baiana é mais “importante” que a sua própria fala e tão “conhecida” quanto esta, enquanto para os informantes de sexo feminino, a fala baiana é tão “importante” quanto esta.

Gostaríamos de salientar, ao término da descrição da atitude do aracajuano em relação à fala baiana, que há uma distinção bem diferente da que encontramos com relação ao seu próprio dialeto. A atitude do sexo feminino, com relação ao seu dialeto, supera a do masculino na maioria dos itens. O contrário se dá com relação ao falar baiano. Aqui é o sexo masculino que supera o feminino na maioria dos itens.

4.1.1.3 *A variável “sexo” em relação à fala alagoana*

Apenas os informantes do sexo masculino apresentaram atitudes positivas em relação à fala do alagoano, uma vez que as atitudes do sexo feminino estão sempre abaixo de um índice médio. Mesmo para os informantes do sexo masculino, que consideram positivamente a fala do alagoano, os índices são inferiores aos apresentados, tanto em relação ao seu dialeto quanto em relação ao dialeto baiano.

Nas características estéticas encontramos uma grande diferença entre os sexos, seja quanto à fala de Aracaju, seja quanto à fala baiana. A porcentagem referente ao item “melodioso” na atitude masculina é umas das poucas abaixo da média (48,5%). Como as características estéticas são mais subjetivas, os homens aceitaram mais a fala do alagoano que a do baiano, o que não aconteceu com as mulheres.

Em relação às características mais estigmatizadas, as dialetais, o alagoano “canta” (62,8%) menos do que o baiano e do que o aracajuano; tem a fala menos “lenta” (40,0%) do que a dos baianos e mais “lenta” do que a dos aracajua-

nos para os homens, enquanto para as mulheres o alagoano fala menos “lento” (50,0%) que os aracajuano e baianos; apresenta um modo de falar mais “chiado” (27,7%) que os aracajuano e menos “chiado” que os baianos.

As características estilísticas apresentam também uma grande diferença entre os dois sexos. O sexo masculino se manifesta positivamente quer no item “claro” (74,2%), quer “expressivo” (74,2%), quer “simples” (82,8%). O sexo feminino, ao contrário, tem atitudes negativas em dois desses itens; apenas no item “simples” (52,7%) aparece a segunda atitude positiva em relação ao modo de falar alagoano.

Nas características socioculturais, temos a única atitude realmente positiva dos informantes femininos (80,5%) em relação à fala alagoana: é no par “conhecida - desconhecida”. Já no item “importante” (41,6%), a percentagem das respostas dos informantes femininos baixa sensivelmente, enquanto a percentagem dos masculinos continua alta (74,2%).

Da mesma forma que para o falar baiano, os informantes masculinos revelaram atitudes mais positivas com relação ao falar alagoano que os femininos. Aqui, entretanto, a diferença é muito mais marcante. Enquanto os informantes masculinos apresentam dois itens em que a percentagem está abaixo da média, (“melodioso” e “chiado”), os informantes femininos manifestaram apenas três itens acima da média (“lento”, “simples” e “conhecido”). Isso ainda é mais marcante ao vermos que, desses três itens, apenas um não está em torno de 50%.

4.1.1.4 *A variável “sexo” em relação à fala carioca*

O modo de falar do carioca é aquele que mais agrada ao aracajuano de ambos os sexos. As características puramente estéticas são fortemente marcadas. A fala carioca é, para o aracajuano, “bonita”, (88,8% para o sexo masculino e 91,6% para o feminino), “agradável” (86,1% para o masculino e 83,3% para o feminino) e “melodiosa” (72,2% para o masculino e 83,3% para o feminino). Como as características estéticas são as mais subjetivas, não resta dúvida de que a fala carioca é a que desperta atitudes mais positivas do aracajuano.

Como a fala carioca não é estigmatizada, as características dialetais têm, entre os aracajuano, uma grande aceitação. É interessante observar que o sexo feminino acha a fala do carioca mais “cantada” (52,7%) que a do alagoano, apesar da atitude negativa que apresenta em relação ao falar alagoano. Na tentativa de explicarmos esta posição, atentamos para o fato de a palavra “cantada” estar na

relação das atitudes positivas e assim, ao marcá-la, o informante pode ter marcado mais nitidamente o “chiado” característico da fala carioca, demonstrado pelos altos índices (83,3%) referentes a esse item. Uma característica que apresenta uma percentagem baixa é a de ser “lenta”. Isso não é de estranhar, uma vez que a fala nordestina é caracterizada por ser demorada, arrastada. Entretanto, é interessante verificarmos que, mais uma vez, os homens percebem a fala carioca como menos “lenta” (30,5%) do que as mulheres (52,7%). Em relação às características estilísticas, os homens, apesar de terem afirmado que a fala carioca é “clara” (83,3%), declararam que a fala do aracajuano é mais “simples” que a do carioca. Afora esse item, a percentagem da aceitação da fala carioca é sempre superior à fala aracajuana. O mesmo acontece no que diz respeito às características socioculturais, pois as atitudes continuam sendo mais positivas que em relação ao seu próprio falar. Com pouquíssimas exceções, a fala carioca apresenta o maior índice de atitudes positivas, isto é, o aracajuano marca sempre positivamente o modo de falar carioca.

4.1.1.5 *A variável “sexo” em relação à normatividade*

As últimas oito perguntas dessa fase do questionário tratam do caráter cognitivo-afetivo, em que os informantes traduzem a escolha do “melhor falar” entre as falas analisadas. Apesar de não ser contestada vigorosamente como as falas do baiano e do alagoano, a fala do carioca é percebida como a “melhor” por 55,5% dos informantes, tanto do sexo masculino como do feminino. O aracajuano, mesmo gostando da fala carioca, não aceita definir superioridade aplicada a certos elementos da linguagem que implicam um juízo de valor. Mesmo a sua própria fala fica abaixo da média. Apenas 38,8% dos informantes do sexo masculino e 36,1% do sexo feminino consideram o melhor português falado o do aracajuano. Os informantes do sexo feminino, que sempre apresentam índices superiores ao masculino quando se trata de sua própria fala, não concordam com esta afirmação de superioridade.

Esses índices baixam mais ainda com relação ao falar baiano e alagoano: 13,8% dos informantes do sexo masculino e 11,1% do feminino julgaram que o melhor português falado é o do baiano; 22,2% dos informantes do sexo masculino e 8,33% do sexo feminino declararam que o melhor português falado é o do alagoano. A diferença de opinião entre sexos continua grande quando se trata do falar alagoano. O sexo masculino, entretanto, considera o português falado pelo alagoano melhor que aquele falado pelo baiano.

É muito mais contestada a afirmação que considera o falar que deveria ser seguido por todos brasileiros; nem mesmo a fala carioca atingiu os 50%.

4.1.1.6 Considerações finais gerais sobre a variável “sexo”

Agrupando as atitudes de aracajuanos em relação ao seu próprio dialeto, à fala baiana, à alagoana e à carioca, por sexo, encontramos os gráficos nº 1 e 2.

GRÁFICO Nº 1 Atitude masculina em relação às falas aracajuana, baiana, alagoana e cariocas.

- a) bonita
- b) agradável
- c) melodiosa
- d) cantada
- e) chiada
- f) lenta
- g) clara
- h) expressiva
- i) simples
- j) conhecida
- k) importante

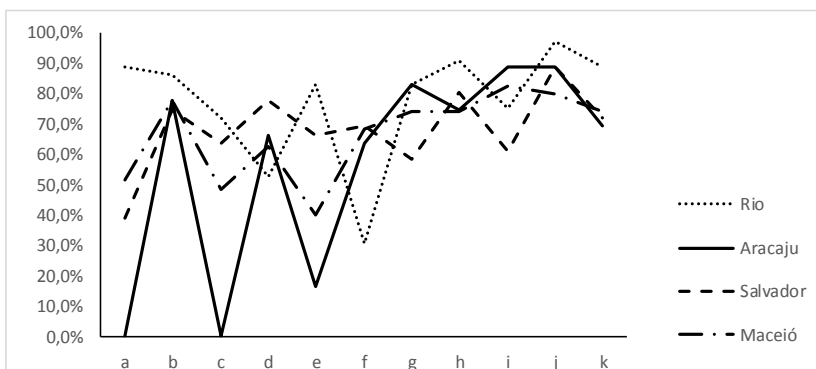
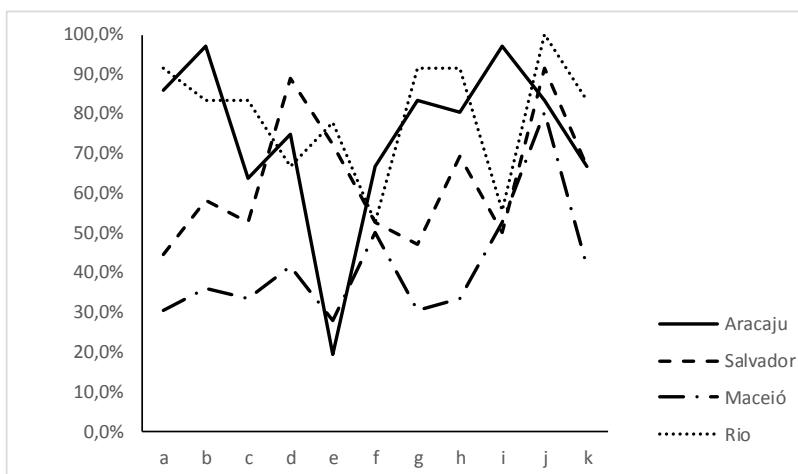


GRÁFICO Nº 2 Atitudes femininas em relação às falas aracajuana, baiana, alagoana e carioca.

- a) agradável
- b) bonita
- c) melodiosa
- d) cantada
- e) chiada
- f) lenta
- g) clara
- h) expressiva
- i) simples
- j) conhecida
- k) importante



Como vemos no gráfico nº 1, a atitude masculina não apresenta grande disparidade e é sempre positiva; mais acentuada para a fala do carioca e para a sua própria, e menos acentuada para o modo de falar baiano e alagoano. Já

a atitude feminina (gráfico nº 2) apresenta um forte acento positivo para o falar carioca e o seu próprio, uma marca média para a fala do baiano e bem abaixo da média em relação à fala alagoana.

Assim, para o aracajuano do sexo masculino, a fala dos cariocas é a mais “bonita”, mais “agradável”, mais “melódica”, mais “chiada”, mais “expressiva”, mais “conhecida” e mais “importante”. Enquanto a fala baiana é a mais “cantada” e a mais “lenta”. A do aracajuano é a mais “simples”. Com relação à fala mais “clara”, os índices são iguais para o carioca e aracajuano.

O sexo feminino confirma as atitudes do sexo masculino, exceto ao considerar a fala aracajuana a mais “agradável” e mais “lenta”.

Como, pelos resultados obtidos, não podemos falar em melhor português dentre os falares estudados, vejamos o pior. Para os informantes de sexo masculino o pior português é o do baiano, mas para os femininos é o alagoano.

Não há, pois, para os informantes, um modelo linguístico unívoco que deva ser seguido dentre os falares pesquisados. Os aracajuanos recusaram categoricamente a ideia de aceitá-los como modelos possíveis. Em ordem de aceitação temos:

	MASCULINO	FEMININO
O CARIOCA	33,3%	41,6%
O ARACAJUANO	27,7%	30,5%
O ALAGOANO E BAIANO	13,8%	5,5%

O sexo feminino rejeita menos a sua própria fala e a do carioca, mas esta rejeição não atinge nem 10% da diferença em relação à fala alagoana e à baiana.

Esta escolha insistente de uma resposta negativa testemunha muito bem a recusa nítida por parte dos aracajuanos em reconhecerem, primeiramente, uma região como falando melhor que outra, e, em seguida darem-lhe status de modelo linguístico.

4.1.2 Atitudes linguísticas na variável “idade”

O nosso *corpus* se constitui de informantes agrupados em três etárias, conforme explicado na metodologia. Na faixa etária I (FE-I) os informantes têm,

no mínimo, 14 e, no máximo, 30 anos. A faixa etária II (FE-II) é constituída de informantes de, no mínimo, 31 e, no máximo, 50 anos. Na faixa etária III (FE-III) os informantes têm entre 51 e 70 anos.

4.1.2.1 A variável “idade” em relação ao dialeto do informante

Da mesma forma que para a variável “sexo”, a atitude do aracajuano com relação à sua própria fala é muito positiva em todas as faixas etárias.

TABELA Nº 2 - Atitudes linguísticas na variável “idade”.

CARACTERÍSTICAS		RESPOSTAS AFIRMATIVAS / VARIÁVEL “IDADE”											
		Aracaju			Salvador			Maceió			Rio de Janeiro		
		FE-I	FE-II	FE-III	FE-I	FE-II	FE-III	FE-I	FE-II	FE-III	FE-I	FE-II	FE-III
ESTÉTICAS	“bonita”	87,5%	75,0%	70,8%	33,3%	45,8%	45,8%	33,3%	29,1%	62,5%	79,1%	95,8%	95,8%
	“agradável”	87,5%	83,3%	91,6%	66,6%	66,6%	75,0%	50,0%	54,1%	45,8%	75,0%	87,5%	91,6%
	“melodiosa”	70,8%	62,5%	66,6%	54,1%	54,1%	66,6%	41,6%	37,5%	41,6%	79,1%	75,0%	79,1%
DIALETAIS	“cantada”	62,5%	87,5%	62,5%	75,0%	75,0%	87,5%	45,8%	58,3%	50,0%	66,6%	54,1%	58,3%
	“chida”	33,3%	8,3%	4,1%	66,6%	70,8%	66,6%	33,3%	25,0%	41,6%	87,5%	83,3%	70,8%
	“lenta”	54,1%	58,3%	83,3%	62,5%	41,6%	54,1%	58,3%	50,0%	66,6%	54,1%	41,6%	29,1%
ESTILÍSTICAS	“clara”	79,1%	83,3%	87,5%	58,3	62,5%	37,5%	62,5%	50,0%	41,6%	83,3%	87,5%	95,8%
	“expressiva”	87,5%	62,5%	83,3%	79,1	70,8%	75,0%	54,1%	45,8%	54,1%	95,8%	87,5%	91,6%
	“simples”	95,8%	91,6%	91,6%	62,5%	50,0%	54,1%	70,8%	66,6%	62,5%	66,6%	66,6%	62,5%
SOCIOCULTURAI	“conhecida”	79,1%	79,1%	100,0%	87,5%	87,5%	95,8%	66,6%	83,3%	87,5%	100,0%	95,8%	100,0%
	“importante”	70,8%	70,8%	62,5%	79,1%	87,5%	45,8%	62,5%	54,1%	54,1%	79,1%	87,5%	91,6%

Nas características estéticas, não encontramos grandes diferenças com relação à variável “idade”. Portanto, esta variável, tal como a variável “sexo”, apresenta atitudes positivas reveladas pela alta concentração de respostas afirmativas às características relacionadas com as qualidades da voz em geral.

As características dialetais apresentam índices altos em relação ao caráter “cantado” da fala aracajuana e confirmam o estigma em relação a essa qualidade da fala do nordestino. Os informantes mais velhos julgaram a fala do aracajuano mais “lenta” (83,3%) que “cantada” (62,5%), enquanto aqueles mais jovens não demonstram perceber bem o “chiado” característico de outros falares, como indica 33,3% nesse item.

As características estilísticas, como as estéticas, apresentam uma atitude positiva bastante acentuada. Nas características socioculturais, a atitude positiva também se apresenta. Há muito mais coincidências entre as faixas etárias I e II que entre estas e a faixa etária III. A grande distinção está apenas no caráter “chiado” para a faixa I (33,3%).

4.1.2.2 *A variável “idade” em relação à fala baiana*

A atitude do aracajuano com relação à fala do baiano é, de maneira geral, positiva, embora os índices sejam inferiores àqueles atingidos pela sua própria fala.

Nas características estéticas, encontramos uma grande diferença em relação à fala de Aracaju. Nenhuma faixa etária está acima da média. Apenas a FE-III apresenta o mesmo índice no item “melodioso” para as falas baiana e aracajuana (66,6%).

A atitude em relação às qualidades dialetais é acentuadamente marcada, principalmente quanto ao item “cantada”; de acordo com os resultados, somente a FE-II (70,5%) afirma que o baiano “canta” menos que o aracajuano. Os informantes da FE-I julgam o falar baiano mais “lento” (62,5%) que o aracajuano. Quanto às características estilísticas, verificamos que os usuários mantêm a posição, já manifestada na variável “sexo”, de que a sua fala é “clara”, “expressiva” e “simples”, enquanto o modo de falar dos outros é “confuso”, “inexpressivo” e “complicado”. Apenas os informantes da FE-II disseram que a fala baiana é mais “expressiva” (70,8%) que a aracajuana.

Nas características socioculturais, apenas os informantes mais velhos consideram o falar baiano menos “conhecido” (95,8%) e menos “importante” (45,8%) que o seu próprio.

Em relação ao modo de falar baiano há também uma maior coincidência entre os índices das faixas etárias I e II. A distinção fica por conta do caráter “lento”, na faixa etária II (54,1%). Mas, de uma maneira geral, a atitude do aracajuano com relação à fala baiana é positiva.

4.1.2.3 A variável “idade” em relação à fala alagoana

Na variável “idade”, a atitude do aracajuano com relação à fala do alagoano tende a ser neutra. É, portanto, diferente da variável “sexo”, em que o feminino apresentou uma atitude negativa. Mesmo assim, a fala do alagoano é a que mais manifesta índices mais baixos de aceitação por parte dos aracajuanos.

As características estéticas, quando não são marcadas negativamente, mal alcançam a média, como mostram os resultados. Os índices das características estéticas com relação à fala do alagoano são inferiores àqueles relacionados com a fala baiana. Entretanto, os mais jovens julgam a fala alagoana tão “feia” quanto a baiana, e os mais velhos consideram aquela mais “bonita” (62,5%) que essa.

Os dados encontrados para a fala alagoana são sempre inferiores àqueles com relação às falas aracajuana e baiana referentes a “agradável” (FE-I=41,6%; FE-II=37,5%; FE-III=41,6%).

Em relação às características dialetais, o aracajuano acha que o alagoano “canta” menos que o baiano e o próprio aracajuano tem a fala mais “bonita” que a do alagoano e menos “lenta” que a do baiano; apresenta um modo de falar menos “chiado” que o do baiano para FE-II (25,0%) e FE-III (41,6%) e tão “chiada” quanto a do aracajuano e menos que a do baiano para FE-I (33,3%). Os dados das características estilísticas nos dizem que a fala alagoana é mais “clara” que a baiana e menos “clara” que a aracajuana, nas faixas etárias I (62,5%) e III (41,6%). Na faixa etária II (50,0%), o falar alagoano é menos “claro”, é também menos “expressivo” e menos “simples” que o aracajuano.

Nas características socioculturais, temos apenas atitudes positivas do aracajuano em relação à fala alagoana. Os informantes mais jovens (66,6%) e mais velhos (87,5%) julgam a fala alagoana a menos “conhecida”, enquanto os da FE-II (83,3%) a consideraram apenas menos “conhecida” que a baiana, mas mais “conhecida” que a aracajuana. Os aracajuanos da FE-I (62,5%) e II (54,1%) declaram que a fala alagoana é a menos “importante”, enquanto os de FE-II (54,1%) a imaginaram mais “importante” que a fala baiana e menos que a fala aracajuana.

Há mais ou menos uma coincidência entre as três faixas etárias. A grande distinção está no caráter “bonito” para FE-II (62,5%).

4.1.2.4 *A variável “idade” em relação à fala carioca*

O modo de falar do carioca é aquele que mais agrada ao aracajuano nas três faixas etárias.

As características puramente estéticas são acentuadamente positivas; apenas a FE-I considera a fala aracajuana mais “bonita” e “agradável” que a carioca. Para a FE-II, a fala carioca é mais “bonita”, “agradável” e “melodiosa” dos falares estudados; enquanto para FE-III o falar carioca é tão “agradável” quanto o aracajuano.

Em relação às características dialetais, os informantes das três faixas etárias consideram a fala carioca a mais “chiada”. Na FE-I, o índice do item “lenta”, em se tratando da fala carioca, foi surpreendente (54,1%). Os informantes da FE-I (66,6%) julgaram o falar carioca mais “cantado” que o aracajuano e alagoano. Aqueles da FE-III (58,3%), apesar de apresentarem um índice mais baixo, também apoiaram os mais jovens ao afirmarem que o carioca fala mais “cantado” que o alagoano. Outro índice interessante é que, para jovens, o carioca fala tão “lento” quanto o aracajuano. Nada justifica essas características impostas à fala carioca.

Nas características estilísticas, há uma coincidência entre as três faixas etárias em considerar o modo de falar carioca o mais “claro” e o mais “expressivo”, no caráter “simples”, quanto à fala alagoana, para os informantes acima de 31 anos, apesar de o Rio de Janeiro estar bem mais distante geograficamente de Aracaju do que Maceió.

Nas características socioculturais, as atitudes são mais positivas que aquelas com relação aos outros falares estudados. As faixas etárias I (79,1%) e II (87,5%) consideram o falar carioca tão “importante” quanto o baiano.

Na variável “idade”, como na variável “sexo”, o falar carioca é visto de uma maneira muito positiva por parte dos informantes. A fala carioca é a fala da TV, do teatro, dos cantores, por isso mesmo a receptividade é tão grande em relação a ela.

Os resultados confirmam a nossa expectativa. No que diz respeito à variável “idade”, os índices mais altos pertencem à fala carioca, sendo que a FE-III revela atitudes positivas mais fortes que as outras duas faixas etárias.

4.1.2.5 A variável “idade” em relação à normatividade

A variável “idade” não apresenta atitudes positivas quando instada a dar opinião sobre o melhor português falado. O falar carioca atinge apenas 50,0% na FE-I e 58,3% nas FE-II e III. Os falares alagoano, baiano e aracajuano não alcançam nem a média. Apesar do grande índice de atitudes positivas com relação ao seu próprio dialeto, o aracajuano não o aceita como melhor: 45,8% da FE-I e III e 37,5% da FE-II consideram-no melhor. Esses índices são mais inferiores ainda com relação ao falar baiano e alagoano: 20,8% da FE-I 12,5% da FE-II e 4,1% da FE-III julgaram a fala baiana a melhor; 29,1% da FE-I, 8,3% da FE-II e 12,5% da FE-III declararam que a fala alagoana é a melhor. A fala mais rejeitada pelas faixas etárias I e III é a baiana, enquanto para a faixa etária II a mais rejeitada é a fala alagoana. Esses resultados concordam com os da variável “sexo”. Apenas a faixa etária III atinge um índice de 54,1%, afirmando que todos os brasileiros deveriam falar como os cariocas.

TABELA Nº 2 - Atitudes linguísticas na variável “idade”.

CARACTERÍSTICAS		RESPOSTAS AFIRMATIVAS / VARIÁVEL “IDADE”											
		Aracaju			Salvador			Maceió			Rio de Janeiro		
		FE-I	FE-II	FE-III	FE-I	FE-II	FE-III	FE-I	FE-II	FE-III	FE-I	FE-II	FE-III
ESTÉTICAS	“bonita”	87,5%	75,0%	70,8%	33,3%	45,8%	45,8%	33,3%	29,1%	62,5%	79,1%	95,8%	95,8%
	“agradável”	87,5%	83,3%	91,6%	66,6%	66,6%	75,0%	50,0%	54,1%	45,8%	75,0%	87,5%	91,6%
	“melodiosa”	70,8%	62,5%	66,6%	54,1%	54,1%	66,6%	41,6%	37,5%	41,6%	79,1%	75,0%	79,1%
DIALETAIS	“cantada”	62,5%	87,5%	62,5%	75,0%	75,0%	87,5%	45,8%	58,3%	50,0%	66,6%	54,1%	58,3%
	“chiada”	33,3%	8,3%	4,1%	66,6%	70,8%	66,6%	33,3%	25,0%	41,6%	87,5%	83,3%	70,8%
	“lenta”	54,1%	58,3%	83,3%	62,5%	41,6%	54,1%	58,3%	50,0%	66,6%	54,1%	41,6%	29,1%
ESTILÍSTICAS	“clara”	79,1%	83,3%	87,5%	58,3%	62,5%	37,5%	62,5%	50,0%	41,6%	83,3%	87,5%	95,8%
	“expressiva”	87,5%	62,5%	83,3%	79,1%	70,8%	75,0%	54,1%	45,8%	54,1%	95,8%	87,5%	91,6%
	“simples”	95,8%	91,6%	91,6%	62,5%	50,0%	54,1%	70,8%	66,6%	62,5%	66,6%	66,6%	62,5%
SOCIO-CULTURAIS	“conhecida”	79,1%	79,1%	100,0%	87,5%	87,5%	95,8%	66,6%	83,3%	87,5%	100,0%	95,8%	100,0%
	“importante”	70,8%	70,8%	62,5%	79,1%	87,5%	45,8%	62,5%	54,1%	54,1%	79,1%	87,7%	91,6%

4.1.2.6 Considerações gerais sobre a variável “idade”

Os gráficos de nº 3, 4 e 5 expressam as atitudes dos informantes por faixa etária em relação às falas do próprio aracajuano, do baiano, do alagoano e do carioca.

Como vemos, a fala carioca ainda detém as atitudes mais positivas e a fala alagoana as mais negativas, apesar de a faixa etária III julgá-la “bonita”, ou seja, acima do índice médio. Há um declínio de atitudes positivas em relação ao falar baiano; nenhuma faixa etária atinge um índice acima do médio para o caráter “bonito”. É considerada mesmo a fala mais “feia” pela faixa etária III e tão “feia” quanto à alagoana para faixa etária I. Apenas a faixa etária II declara-a menos “feia” que a alagoana.

Assim, para o aracajuano das três faixas etárias, há concordância apenas ao considerar a fala carioca a mais “chiada”, a mais “clara” e a mais “expressiva”, enquanto encara a fala alagoana como a mais “simples”.

Os mais jovens declaram que a fala aracajuana é a mais “bonita”, a mais “agradável” e a mais “melodiosa”, enquanto a baiana é a mais “lenta”. As faixas etárias II e III concordam que a fala carioca é a mais “bonita” e a mais “melodiosa”, já a mais “lenta” é a aracajuana. A fala mais “cantada”, para as faixas I e III, é a baiana, enquanto para a faixa etária II é a aracajuana. As faixas etárias I e II concordam em que a fala carioca é a mais “conhecida”, igualando a carioca e a baiana quanto ao item “importante”.

GRÁFICO Nº 3 Atitudes de informantes da faixa etária I em relação às falas aracajuana, baiana, alagoana e carioca.

- a) agradável
- b) bonita
- c) melodiosa
- d) cantada
- e) chiada
- f) lenta
- g) clara
- h) expressiva
- i) simples
- j) conhecida
- k) importante

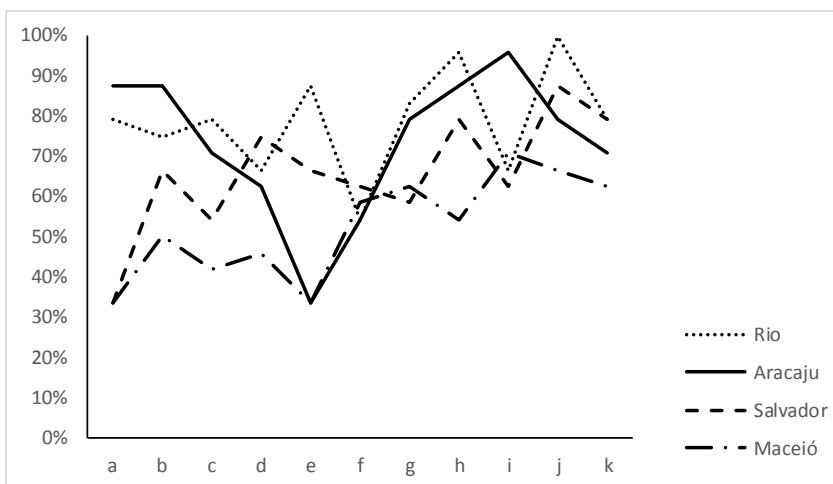


GRÁFICO Nº 4 Atitudes de informantes da faixa etária II em relação às falas aracajuana, baiana, alagoana e carioca.

- a) agradável
- b) bonita
- c) melodiosa
- d) cantada
- e) chiada
- f) lenta
- g) clara
- h) expressiva
- i) simples
- j) conhecida
- k) importante

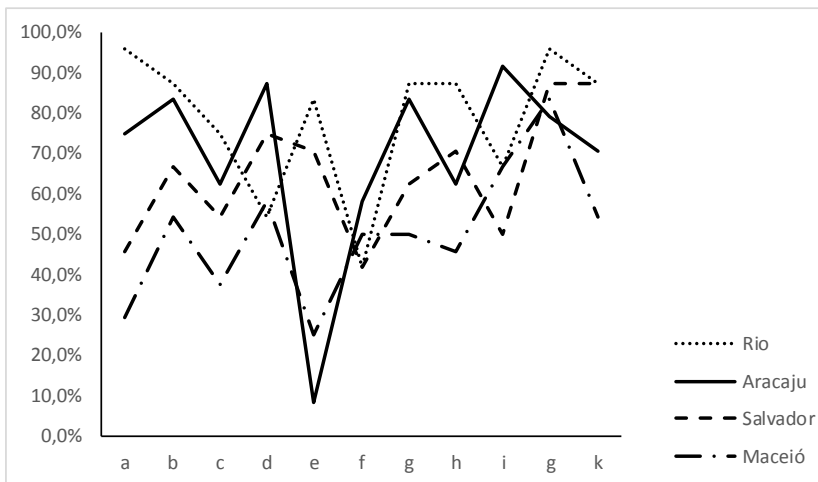
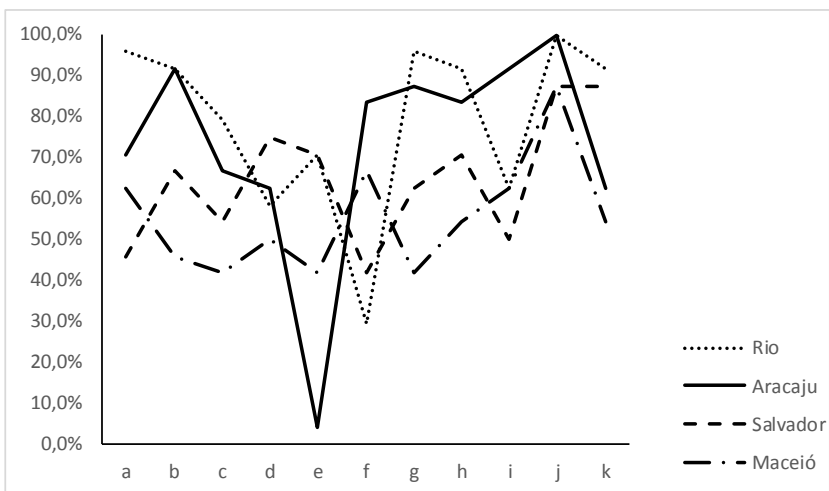


GRÁFICO Nº 5 Atitudes de informantes da faixa etária III em relação às falas aracajuana, alagoana e carioca.

- a) agradável
- b) bonita
- c) melodiosa
- d) cantada
- e) chiada
- f) lenta
- g) clara
- h) expressiva
- i) simples
- j) conhecida
- k) importante



Para a faixa etária III, a fala carioca e a aracajuana são as mais “agradáveis” e as mais “conhecidas”, mas apenas a fala carioca é a mais “importante”. A faixa etária II afirma que a mais “agradável” é a carioca.

Finalmente, para a variável “idade”, os dados demonstram que os informantes recusam aceitar qualquer um desses falares como modelo linguístico. Em ordem de aceitação, para a faixa etária I temos:

- Os aracajuanos 29,1%
- Os cariocas 20,8%
- Os alagoanos 16,6%
- Os baianos 8,3%

A ordem preferência das F-II e FE-III é a mesma, embora com índices diferentes:

	FE-II	F-III
Os aracajuanos	37,5%	54,1%
Os cariocas	20,8%	37,5%
Os alagoanos	12,5%	8,3%
Os baianos	4,1%	4,1%

Desta forma, a variável “idade” também nega reconhecer o bom português como exclusivo de uma região.

4.1.3 Atitudes linguísticas na variável “escolaridade”

O nosso *corpus* se constitui de informantes agrupados em quatro graus de escolaridade, conforme explicado na metodologia. O grau de escolaridade I (E-I) é constituído de informantes com o 1º grau incompleto. O grau de escolaridade II (E-II) é constituído pelo 2º incompleto. O grau de escolaridade III (E-III) é constituído de informantes com o 2º grau completo ou que cursam a universidade. O grau de escolaridade IV (E-IV) é constituído de informantes com o curso superior completo.

4.1.3.1 A variável “escolaridade” em relação ao dialeto do informante

Com relação ao seu próprio falar, a atitude do aracajuano é marcadamente positiva, qualquer que seja seu grau de escolaridade. Nas características puramente estéticas, o grau de escolaridade I é o que mais se diferencia dos outros três. São atitudes francamente positivas reveladas pela alta concentração de respostas afirmativas às características relacionadas com as qualidades da voz geral.

A atitude em relação às características dialetais é mais ou menos semelhante. Apenas a E-IV tem índice de menos de 70% referente ao item “cantado”. A percentagem do item “chiado” é maior para todos os níveis de escolaridade, o que demonstra uma percepção muito grande para essa característica. A E-I ultrapassa os 70% ao considerar “lento” seu falar.

As características estilísticas, como as estéticas, recebem uma atitude positiva fortemente marcada. A E-III atinge índice máximo referente ao item “simples”. Apenas os informantes com grau superior têm um índice abaixo de 70% no item “expressivo”; de resto, há um julgamento bastante positivo nas atitudes relacionadas com as características estilísticas.

Nas características socioculturais, a atitude dos informantes das quatro faixas etárias continua sendo positiva. Somente a E-III (55,5%) revela um índice maior em relação ao item “importante”.

A atitude do aracajuano em relação ao seu próprio dialeto, de acordo com o grau de escolaridade, é positiva. Há mais ou menos coincidências entre os vários graus de escolaridade. As grandes distinções estão no caráter “bonito” para E-I (94,4%), e “expressivo” para E-IV (61,1%).

4.1.3.2 *A variável “escolaridade” em relação à fala baiana*

Com relação à fala baiana, na variável “escolaridade”, a atitude do aracajuano, apesar de positiva, não apresenta índices elevados. Nas características puramente estéticas a E-I é a que mais aceita a fala baiana. O item “melodioso” apresenta um índice superior àquele relativo à fala aracajuana para a E-I (61,1%), enquanto para E-II (66,6%) é idêntico. Apesar disso, só a E-I (61,1%) ultrapassa um índice médio em relação ao item “bonita”; a E-IV não atinge nem os 30%.

A atitude em relação às qualidades dialetais continua coerente, pois permanece altamente positiva, principalmente quanto ao item “cantada”, embora a E-IV (72,2%) julgue a fala aracajuana menos “cantada” que a baiana. Apenas a E-I apresenta um índice médio para “chiado”. A fala baiana é tão “lenta” quanto a aracajuana para as E-II e E-III; as E-I (66,6%) e a E-IV (55,5%) consideram a fala aracajuana mais “lenta” que a baiana.

As características estilísticas apresentam sempre um índice médio, exceto o item “expressivo”, que apresenta índices superiores aos 70%. Apesar de ultrapassar os 50%, esse índice é inferior ao relativo à fala aracajuana. Apenas informantes com grau superior (72,2%) declaram que a fala baiana é mais “expressiva” que a aracajuana.

Nas características socioculturais, apenas a E-I achou a fala baiana menos “chiada” (77,7%) e menos “importante” (61,1%) que a sua própria fala.

A atitude do aracajuano dos quatro graus de escolaridade, em relação à fala baiana, apresenta uma quase total coincidência nas respostas. Apenas a E-I se diferencia dos outros três graus de escolaridade quanto ao caráter “bonito” e “chiado” da fala baiana.

4.1.3.3 *A variável “escolaridade” em relação à fala alagoana*

A atitude do aracajuano com relação à fala alagoana é mais negativa. Os índices estão quase sempre abaixo dos 50% ou simplesmente atingem este índice.

Nas características estéticas encontramos uma grande diferença, tanto com relação à fala de Aracaju, quanto com relação à fala baiana, em todos os graus de escolaridade. Somente as E-III (50,0%) e E-IV (38,8%) acharam a fala alagoana mais “bonita” que a baiana, mesmo com baixo índice.

Em relação às características mais estigmatizadas, as dialetais, as E-I (33,3%), E-II (50,0%) e E-III (50,0%) consideram a fala alagoana a menos “cantada”; só a E-IV (72,2%) julgou-a tão “cantada” quanto a baiana e mais “lenta” que esta e a aracajuana.

As características estilísticas também apresentam os índices mais baixos, quer da fala aracajuana, quer da baiana, para todos os graus de escolaridade. Somente com relação ao item “simples”, as E-II (61,1%), E-III (72,2%) e E-IV (83,3%) julgaram a fala alagoana mais “simples” que a baiana.

Nas características socioculturais temos apenas atitudes positivas do aracajuano em relação à fala do alagoano, qualquer que seja o grau de escolaridade. Entretanto, a fala alagoana é a menos “conhecida” e a menos “importante”, exceto para os informantes com grau superior, que a declararam mais “conhecida” que a aracajuana.

Os dados da atitude dos aracajuanos, nos quatro graus de escolaridade, com relação ao falar alagoano, são baixos. Em contrapartida, a atitude com relação ao seu próprio falar e com relação à fala baiana apresenta índices mais baixos e mais descontraídos, principalmente a E-IV (33,3%), que apenas se iguala às outras escolaridades com relação ao item “chiado”.

4.1.3.4 *A variável “escolaridade” em relação à fala carioca*

Também para a variável “escolaridade”, o falar carioca é aquele que mais agrada ao aracajuano, nos diferentes graus de escolaridade.

As características estéticas, apesar de serem altamente positivas, não são superiores à fala aracajuana para a E-I. A fala aracajuana também “agrada” mais que a carioca para a E-III. Exceto para o item “melodioso”, os dados relativos às características estéticas da fala carioca são os mais altos. O falar carioca é mais “bonito” e mais “agradável” que os outros falares estudados. A E-III atribui o índice máximo ao item “bonito”, os outros graus de escolaridade apresentam índices superiores a 80%. Como o falar alagoano é o que recebe atitudes mais negativas por parte dos informantes, as diferenças entre os itens relativos à fala carioca e à alagoana são grandes. No julgamento do item “bonito”, a E-II apresenta uma diferença de mais de 80% entre as falas carioca e alagoana. Somente a E-I, embora julgando a fala carioca positivamente, coloca-a como inferior ao seu próprio falar. No item “agradável”, a menor percentagem, a da E-I, é de 77,7%; as E-II, E-III e E-IV ultrapassam os 80%. Foi estranho o índice da E-I referente ao item “melodioso”. Apesar de ter considerado a fala carioca “bonita” e “agradável”, a E-I tem um índice de apenas 55,5% relativo ao item “melodioso”.

Em relação às características estilísticas, há uma coincidência entre três graus de escolaridade (E-II, E-III e E-IV) em considerar o falar carioca o mais “claro” (94,4%, 94,4% e 88,8%) e “expressivo” (100,0%, 100,0% e 88,8%). No item “simples”, entretanto, a fala carioca fica abaixo da aracajuana. Para a E-I, o falar carioca é menos “claro” (72,2%) que o aracajuano e tão “expressivo” (77,7%) quanto este.

Em relação às características socioculturais, todos os graus de escolaridade concordam em que o falar carioca é o mais “conhecido” e o mais “importante”, entretanto, para E-I (66,6%), a fala carioca é tão “importante” quanto a aracajuana, enquanto a E-IV (100,0%) julgou-a tão conhecida quanto a baiana. Como vemos na tabela nº 3, a fala carioca é mais aceita, devido aos altos índices atingidos.

4.1.3.5 *A variável “escolaridade” em relação à normatividade*

O melhor português falado também não é o objeto de atitudes positivas na variável “escolaridade”. Apenas E-I e E-II apresentam um índice acima do médio com relação à fala carioca, 66,6% e 83,3% respectivamente. Apesar do alto índice de atitudes positivas com relação à sua própria fala, o aracajuano não a aceita como a melhor. A E-IV atinge o índice médio 50,0%, 38,8% da E-III, 33,3% da E-II e 27,7% da E-I julgam-na a melhor. Os índices relacionados com os falares baiano e alagoano são ainda menores: 22,2% da E-IV, 16,6% da E-I e 11,1% da E-II afirmaram ser a fala baiana a “melhor”, mas a E-III é unânime em negar ter o baiano o melhor português falado; 22,2% das E-I e E-II atingem o índice médio ao afirmar que todos os brasileiros deveriam falar como os cariocas.

TABELA Nº 3 – Atitudes linguísticas na variável “Escarlaridade” .

CARACTERÍSTICAS		RESPOSTAS AFIRMATIVAS / VARIÁVEL “ESCOLARIDADE”															
		Aracaju				Salvador				Maceió				Rio de Janeiro			
		E-I	E-II	E-III	E-IV	E-I	E-II	E-III	E-IV	E-I	E-II	E-III	E-IV	E-I	E-II	E-III	E-IV
ESTÉTICAS	“bonita”	94,4%	77,7%	72,2%	72,2%	61,1%	44,4%	33,3%	27,7%	55,5%	16,6%	50,0%	38,8%	88,8%	100,0%	83,3%	88,8%
	“agradável”	94,4%	83,3%	88,8%	83,3%	77,7%	55,5%	66,6%	66,6%	72,2%	50,0%	38,8%	61,1%	77,7%	88,8%	83,3%	88,8%
	“melodiosa”	55,5%	66,6%	72,2%	72,2%	61,1%	66,6%	55,5%	30,0%	33,3%	44,4%	33,3%	50,0%	55,5%	88,8%	83,3%	83,3%
	“cantada”	72,2%	72,2%	72,2%	66,6%	88,8%	83,3%	72,2%	72,2%	33,3%	50,0%	50,0%	72,2%	55,5%	61,1%	50,0%	72,2%
DIALETAIS	“chiada”	22,2%	27,7%	11,1%	11,1%	50,0%	72,2%	66,6%	83,3%	44,4%	22,2%	33,3%	33,3%	77,7%	88,8%	72,2%	83,3%
	“lenta”	77,7%	55,5%	66,6%	61,1%	66,6%	55,5%	66,6%	55,5%	55,5%	55,5%	66,6%	66,6%	61,1%	27,7%	44,4%	33,3%
	“clara”	83,3%	88,8%	83,3%	77,7%	50,0%	55,5%	55,5%	50,0%	55,5%	44,4%	38,8%	66,6%	72,2%	94,4%	94,4%	88,8%
ESTILÍSTICAS	“expressiva”	77,7%	83,3%	88,8%	61,1%	72,2%	83,3%	83,3%	72,2%	33,3%	44,4%	72,2%	61,1%	77,7%	100,0%	100,0%	88,8%
	“simples”	88,8%	88,8%	100,0%	94,4%	50,0%	55,5%	50,0%	61,1%	50,0%	61,1%	72,2%	83,3%	66,6%	83,3%	55,5%	55,5%
SOCIO-CULTURAIS	“conhecida”	88,8%	83,3%	83,3%	88,8%	77,7%	94,4%	88,8%	100,0%	72,2%	77,7%	72,2%	94,4%	94,4%	100,0%	100,0%	100,0%
	“importante”	66,6%	72,2%	55,5%	77,7%	61,1%	72,2%	66,6%	77,7%	50,0%	50,0%	55,5%	61,1%	66,6%	83,3%	94,4%	100,0%

4.1.3.6 *Considerações gerais sobre a variável “escolaridade”*

Como está demonstrado nos gráficos nº 6, 7, 8 e 9, a atitude do aracajuano, dos quatro graus de escolaridade pesquisados, não é sempre unânime, mas tende positivamente na direção da fala carioca. Para as E-II, E-III e E-IV, a fala mais “bonita”, mais “melodiosa”, mais “clara”, mais “expressiva”, mais “importante” é a carioca. É ainda a fala carioca a mais “chiada” e a mais “conhecida” para as E-I, E-II e E-III. A fala mais “simples” para os quatro graus de escolaridade é a aracajuana, confirmando a mesma atitude encontrada nas variáveis “sexo” e “idade”. Para as escolaridades E-II e E-IV, a fala mais “agradável” é a carioca. Para as E-I e E-II, a fala mais “cantada” é a baiana. Para a E-I, a fala mais “bonita”, mais “lenta” e mais “clara” é a aracajuana; a mais “melodiosa” é a baiana; e a mais “expressiva” e mais “importante” são tanto a aracajuana, a baiana e a alagoana. Para a E-III, as falas mais “cantadas” e mais “conhecidas” são a carioca e a baiana; e as mais “cantadas” são a carioca, a baiana e a alagoana.

Em relação à normatividade, a variável “escolaridade” confirma a recusa dos aracajuanos em aceitar qualquer um desses falares como modelo linguístico. Para as E-I, E-II e E-III, a ordem de aceitação é a mesma, embora os índices sejam diferentes. Em ordem decrescente é o seguinte o resultado:

	E-I	E-II	E-III
Os aracajuanos	50,0%	50,0%	33,3%
Os cariocas	33,3%	33,3%	22,2%
Os alagoanos	11,1%	11,1%	11,1%
Os baianos	5,5%	11,1%	11,1%

Na E-IV, os aracajuanos são os mais aceitos:

- Os aracajuanos 27,7%
- Os cariocas 16,6%
- Os alagoanos 11,1%
- Os baianos 5,5%

GRÁFICO Nº 6 Atitudes de informantes com E-I em relação às falas aracajuana, baiana, alagoana e carioca.

- a) agradável
- b) bonita
- c) melodiosa
- d) cantada
- e) chiada
- f) lenta
- g) clara
- h) expressiva
- i) simples
- j) conhecida
- k) importante

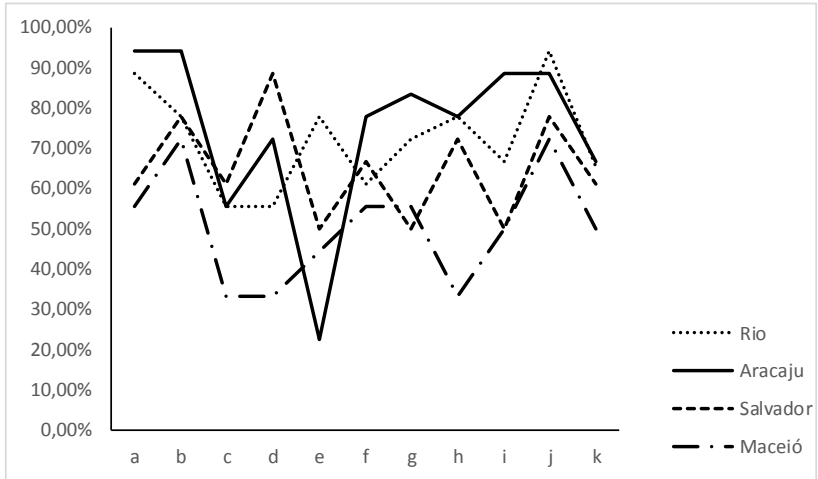


GRÁFICO Nº 7 Atitudes de informantes com E-II em relação às falas aracajuana, baiana, alagoana e carioca.

- b) bonita
- c) melodiosa
- d) cantada
- e) chiada
- f) lenta
- g) clara
- h) expressiva
- i) simples
- j) conhecida
- k) importante

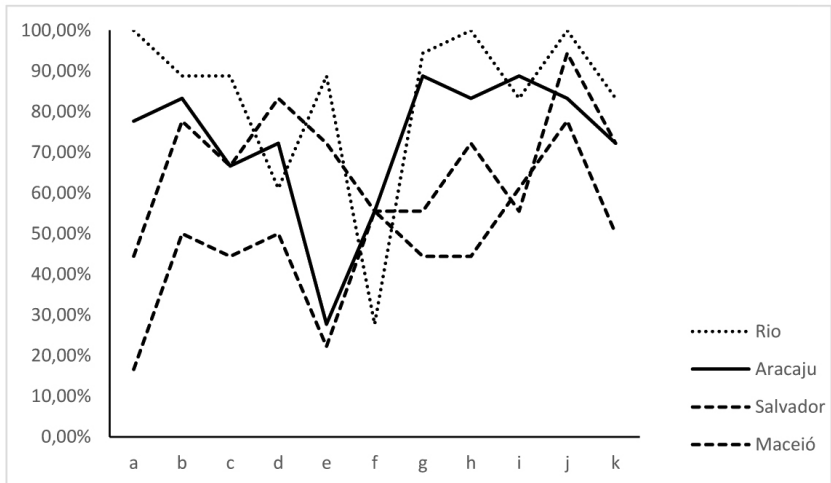


GRÁFICO Nº 8 Atitudes de informantes com E-III em relação às falas aracajuana, baiana, alagoana e carioca.

- a) bonita
- c) melodiosa
- d) cantada
- e) chiada
- f) lenta
- g) clara
- h) expressiva
- i) simples
- j) conhecida
- k) importante

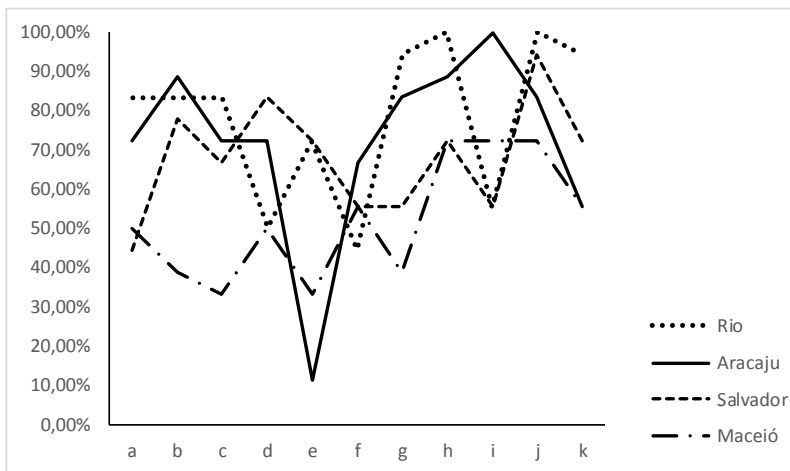
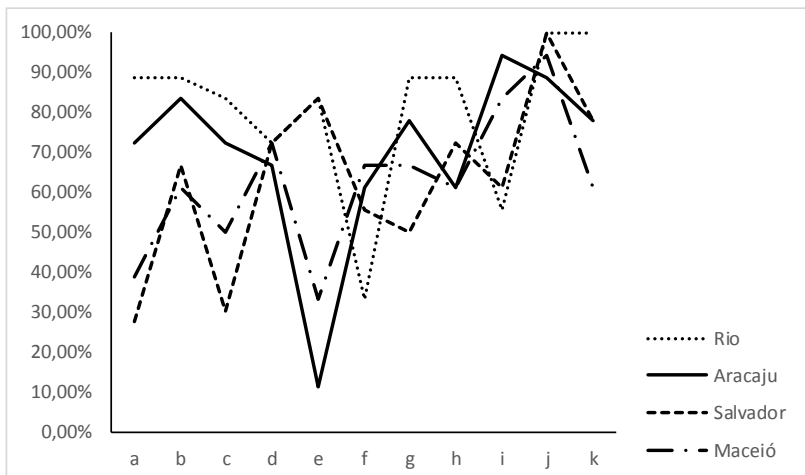


GRÁFICO Nº 9 Atitudes de informantes com E-IV em relação às falas aracajuana, baiana, alagoana e carioca.

- a) bonita
- c) melodiosa
- d) cantada
- e) chiada
- f) lenta
- g) clara
- h) expressiva
- i) simples
- j) conhecida
- k) importante



4.2 ATITUDES LINGUÍSTICAS EM FACE DE ESTÍMULOS DE FALA

Na seção anterior, foram levantados, descritos e discutidos aspectos das atitudes linguísticas manifestadas pela amostra “em ausência” da fala do outro, ou seja, em ausência de um estímulo de fala. Serviram, então, como estímulo aos julgamentos dos informantes tão somente as questões propostas pelo instrumento da pesquisa.

As atitudes manifestadas refletiram a crença dos entrevistados sobre o outro falar, decorrente de fatores diretamente ligados ao conhecimento que essas pessoas têm do mundo. Sabe-se, entretanto, que as atitudes que os indivíduos têm longe do objeto (em nosso caso a fala) podem ser iguais ou diferir substancialmente das que têm frente a ele. Observamos, a partir de agora, as atitudes manifestadas pelos informantes “em presença” da fala do outro, portanto, em face das amostras de fala que serviram de estímulo às manifestações de atitudes.

O mesmo conjunto de perguntas foi feito aos informantes sobre cada uma das cinco primeiras amostras de fala. A partir da fala VI, mudaram-se as perguntas, uma vez que as amostras de fala eram todas de Aracaju, com níveis de escolaridade diferentes. Essas amostras farão parte de outra seção (4.3.2).

As perguntas do questionário, em presença do estímulo da fala, foram agrupadas em três categorias de qualidade:

No grupo de características puramente estéticas, temos:

- a) Agradável/desagradável
- b) Bonita/feia

No grupo de características dialetais temos:

- c) Cantada/não cantada
- d) Lenta/rápida

No grupo de características estilísticas temos:

- e) Expressiva/inexpressiva
- f) Simples/complicada

Todas as questões eram fixas, tratando-se, portanto, de questões fechadas.

Visto terem-se os informantes manifestado sobre cada um dos nove estímulos separadamente, assim também exporemos os resultados obtidos, tentando observar a atitude dos informantes frente a cada estímulo.

Não incluiremos nesta parte as amostras de fala VI, VII, VIII e IX, pois se trata de falas só aracaJuanas e isso será objeto de estudo de outra seção.

4.2.1 ATITUDES LINGUÍSTICAS COM ESTÍMULOS NA VARIÁVEL “SEXO”

4.2.1.1 *A variável “sexo” em relação ao estímulo I (fala baiana)*

A atitude do aracaJuano com relação à fala baiana, frente à fita-estímulo, apresentou índices superiores aos da atitude sem a fita-estímulo, principalmente com relação ao sexo feminino. Em relação às características puramente estéticas, encontramos um grande índice de aceitabilidade da fala baiana, sempre acima de 75,0%.

As atitudes referentes às características dialetais não foram muito positivas nas respostas sem fita-estímulo. Os índices ficaram quase sempre abaixo do índice médio. Somente as mulheres atingem uma percentagem de 52,7% no item “cantado”. As características estilísticas, como as estéticas, são objeto de uma atitude muito positiva. As percentagens são sempre superiores a 60%.

A atitude do aracaJuano com relação à fala baiana, em presença da fita-estímulo, é positiva. Aqui, como na atitude sem estímulo de fala, os resultados dos informantes masculinos apresentam índices superiores aos femininos. Apesar dessa semelhança, a fala baiana é muito mais aceita na presença da fita-estímulo, por ambos os sexos.

4.2.1.2 *A variável “sexo” em relação ao estímulo II (fala aracaJuana 1)*

Ao contrário da fala baiana, a fala aracaJuana é muito mais aceita sem o estímulo da fita do que em presença dele. Os índices das respostas sem estímulo só foram inferiores aos da fala carioca, enquanto os índices com estímulo ficam quase sempre em torno do índice médio.

As características estéticas apresentam índices inferiores aos da fala baiana, mas estão sempre acima de 60%. Os homens (69,4%) têm índices superiores às mulheres (61,1%) no item “bonito”; as mulheres, ao contrário (77,7%), têm índices superiores no item “agradável”.

Nas características dialetais há uma atitude muito pouco positiva. Os informantes femininos chegam a considerá-la “rápida”, porque a sua percentagem no item “lenta” é de apenas 36,1%.

As características estilísticas são mais aceitas que as da fala baiana, tanto para o sexo masculino (75,0%) quanto para o feminino (72,2%), no que diz respeito ao item “expressiva”. Mesmo assim, os índices ficam inferiores aos da mesma atitude sem o estímulo da fala.

As atitudes do aracajuano com relação ao seu próprio falar, em presença da fita-estímulo, na variável “sexo”, são positivas. Não encontramos grande diferença entre a atitude dos sexos masculino e feminino, a não ser no item “lento”. As mulheres se mostraram menos exigentes e chegaram a considerar esta fala “rápida”, porque o índice “lenta” não atinge nem 40%.

4.2.1.2 *A variável “sexo” em relação ao estímulo IV (fala aracajuana 2)*

Conforme ficou explicado na metodologia (descrição dos instrumentos), a fita-estímulo continha várias falas de Aracaju, sendo que duas separavam falas de Salvador, Maceió e Rio de Janeiro. Embora essas duas amostras não tenham sido apresentadas uma após a outra, resolvemos analisá-las nesta ordem para que o contraste entre as duas atitudes se manifeste de modo mais transparente. Assim sendo, é fácil observar que, em relação a essa segunda amostra, a atitude dos entrevistados apresenta índices mais baixos que na anterior.

Face às características estéticas, há uma atitude pouco positiva: as mulheres apresentam índices inferiores ao médio, tanto no item “bonita” (36,1%) quanto no “agradável” (44,4%), e os homens, entretanto, têm percentagens superiores a 50,0% (55,5% no item “bonita” e 66,6% no item “agradável”).

As características dialetais são facilmente marcadas, se bem que o sexo feminino (50,0%) não considere a fala aracajuana “lenta”. Mas o índice referente ao item “cantada” é muito superior ao da fala baiana em presença da fita-estímulo (88,8% para ambos os sexos).

Quanto às características estilísticas, a variável “sexo” apenas atinge o índice médio (50,0%), tanto ao considerar esta fala aracajuana “expressiva” quanto “simples”. O índice do item “simples” para os informantes do sexo masculino é o mesmo da primeira fala aracajuana (72,2%). Este é o único item em que há uma igualdade no índice das respostas. Os aracajuanos apresentaram uma atitude muito mais negativa em relação a esta fala aracajuana que à anterior.

A nosso ver, essa atitude negativa em relação à segunda fala aracajuana deveu-se evidentemente ao caráter “cantado” da fala em questão. Apesar de as duas falas aracajuanas pertencerem a falantes que cursaram o primeiro e o segundo grau no mesmo colégio, esta segunda fala aracajuana é muito mais “cantada” de acordo com os dados obtidos na pesquisa. Este caráter “cantado” é bastante estigmatizado pelo brasileiro de uma maneira geral. Esta fala seria mesmo considerada “arrastada” se acaso fosse esse um dos adjetivos usados como polarizador no questionário.

Como sabemos, o falante, convivendo com formas dialetais diversas e às quais atribui também valores diferentes conforme os usuários que as apresentam, constrói para si representações desses dialetos. Constrói tanto estereótipos desses falares, principalmente aqueles mais marcados como representações do seu próprio dialeto, conforme podemos deduzir dos trabalhos de Labov quando ele fala dos testes de autoavaliação e do índice de insegurança linguística.

Uma vez que o caráter “cantado” é estigmatizado, qualquer falante cuja fala possua esta característica apresentará na sua avaliação atitudes negativas como esta segunda fala aracajuana. Daí os baixos percentuais relativos aos itens “bonita” e “agradável”.

Convém ressaltar que a primeira fala aracajuana foi considerada a mais “rápida” das falas apresentadas. E mesmo em relação ao item “cantada”, é tida como menos “cantada” que a fala carioca apresentada.

4.2.1.3 *A variável “sexo” em relação ao estímulo III (fala alagoana)*

O estímulo da fala de Maceió foi o que apresentou maiores surpresas. Há uma atitude acentuadamente positiva em relação à fala alagoana em presença do estímulo, o que não acontece na ausência dele.

As características estéticas apresentam percentagens elevadas tanto para os informantes de sexo masculino (77,7%) quanto para os de sexo feminino

(72,2%). As mulheres (41,6%) chegam mesmo a considerar a fala de Maceió “não cantada”, pois o item “cantada” não atinge o índice médio. Os informantes de sexo masculino (52,7%) apresentam também um índice baixo, apesar de estar acima do índice médio.

As características estilísticas são muito acentuadas, principalmente para o sexo masculino, que ultrapassa os 90,0% no item “simples”. As mulheres, ao contrário, não alcançam os 70,0% em nenhum dos dois itens, 52,7% para o item “expressiva” e 66,6% para “simples”.

O falar alagoano, portanto, desperta atitudes muito positivas, quando em presença da fita-estímulo. A atitude do aracajuano é totalmente contrastante nesse sentido. Sem a presença do estímulo da fala, as atitudes mais negativas foram em relação ao falar alagoano. Mas na presença da fala, a atitude do aracajuano muda completamente.

4.2.1.4 *A variável “sexo” em relação ao estímulo V (fala carioca)*

A atitude do aracajuano com relação ao falar carioca em presença da fita-estímulo apresenta índices inferiores àquela na ausência da fala. É, entretanto, uma atitude nitidamente positiva.

As características estéticas, apesar de positivas são, entretanto, inferiores às sem a fita-estímulo. O item “bonita” recebe uma percentagem de 80,5% dos informantes de ambos os sexos e o item “agradável”, 83,3% pelos mesmos informantes.

Com relação às características dialetais, há mais diferença entre os sexos; apenas os homens declaram a fala carioca “cantada” (69,4%) e “lenta” (61,1%). Os índices relativos às mulheres não chegam a 50,0%. As características expressivas apresentam atitudes menos positivas. Os índices referentes aos informantes do sexo masculino são inferiores aos atingidos pela fala alagoana e só alcançam 75%. As mulheres nem chegam a 70,0%.

Os aracajuanos apresentam uma atitude menos positiva com relação à fala carioca sem presença da fita-estímulo que em sua presença.

4.2.1.5 *A variável “idade” e a avaliação das próprias atitudes*

A segunda pergunta do questionário com as amostras de fala trata de reconhecer a fala ouvida. Os dados revelam que os informantes de ambos os sexos,

com relação às amostras de fala, não identificaram facilmente as falas ouvidas. Apenas a primeira fala de Aracaju é reconhecida como sendo aracajuana por 55,5% do sexo masculino e 58,3% do feminino. As outras falas apresentam índices muito baixos de reconhecimento. A fala de Salvador é identificada por 22,2% dos informantes do sexo masculino e 25,0% do feminino. A fala de Maceió é admitida como tal apenas por 22,2% dos informantes do sexo masculino e 27,7% do feminino. A segunda fala de Aracaju é declarada como aracajuana por 25,0% dos informantes do sexo masculino e 19,4% do feminino. O reconhecimento da fala carioca, mesmo apresentando índices mais altos que as outras, não atinge a média; somente 41,6% dos informantes do sexo masculino e 38,8% do feminino identificaram-na como carioca.

Esse não reconhecimento da fala ouvida nos oferece a oportunidade de avaliar melhor a opinião dos informantes com relação à atitude que eles realmente têm. Se eles acreditam que aquela fala não é baiana, nenhum preconceito extralinguístico interfere na sua resposta.

Numa terceira pergunta “você tem a fala (modo de falar) semelhante ao dessa pessoa?”, apenas a fala de Salvador atinge a média (50,0%) para ambos os sexos. Na primeira fala aracajuana, 48,8% dos informantes do sexo masculino e 30,0% do feminino identificaram-na como semelhante à sua. Apenas 44,4% do sexo masculino e 36,1% do feminino afirmaram que sua fala se assemelha à alagoana. Os informantes de ambos os sexos praticamente não se identificaram com a segunda fala aracajuana. Apenas 27,7% do sexo masculino e 19,4% do feminino julgaram sua fala parecida com essa. Na fala carioca, 36,1% dos informantes do sexo masculino e 27,7% do feminino declararam que sua fala se parece com esta.

Ligada a esta pergunta está a pergunta seguinte: “você tem a fala (modo de falar) mais bonita que a dessa pessoa?” Aqui observamos uma coerência em relação à pergunta anterior. Se a fala dos informantes não é semelhante à fala ouvida, ela é superior. Isso está demonstrado nos dados obtidos. Os índices se apresentam na razão inversa daqueles da pergunta anterior, ou seja, quanto menos semelhante, mais “bonita” é a fala do informante. Na amostra de Salvador, 61,1% dos informantes do sexo masculino e 63,8% do feminino acharam sua fala mais bonita que a ouvida. Na primeira fala aracajuana, 69,4% dos informantes do sexo masculino e 55,5% do feminino julgaram a sua fala mais bonita que a de Maceió. Como o índice mais baixo de semelhança foi a da segunda fala aracajuana, é esta que vai permitir ao informante mostrar uma atitude mais positiva em relação à sua própria fala: 83,3% dos informantes do sexo masculino e 69,9% do feminino consideram a sua fala mais bonita que a segunda fala

aracajuana; 52,7% de ambos os sexos afirmaram ter fala mais bonita que a fala carioca ouvida.

A última pergunta, “você conseguiria imitar a fala (modo de falar) dessa pessoa?”, não apresenta índices positivos, porque a capacidade de imitar dos informantes é aparentemente reduzida. É interessante notar que, embora a amostra apresente uma fala feminina, os homens, mais que as mulheres, afirmaram ter capacidade de reproduzi-la. Em apenas duas das cinco falas, o índice masculino é inferior ao feminino, e, mesmo assim, a diferença é bem pequena: 47,2% do sexo masculino e 55,5% do feminino declararam-se aptos para repetir a fala baiana: 44,4% do sexo masculino e 38,8% do feminino consideraram-se capazes de imitar a primeira fala aracajuana: 38,8% do sexo masculino e 25,0% do sexo feminino afirmaram poder copiar a fala de Maceió: 47,2% do sexo masculino e 27,2% do feminino se dizem competentes para repetir a segunda fala aracajuana. Os informantes não conseguem imitar a fala carioca; apenas 30,5% do sexo masculino e 36,1% do feminino admitiram poder fazê-lo.

TABELA Nº 4 – Atitudes Linguísticas com fitas-estímulo na variável “sexo”.

CARACTERÍSTICAS		RESPOSTAS AFIRMATIVAS / VARIÁVEL “SEXO”									
		Falas de Salvador		1º Fala de Aracaju		2º Fala de Aracaju		Fala de Maceió		Fala do Rio	
		M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
ESTÉTICAS	“Bonita”	75,0%	75,0%	69,4%	61,1%	55,5%	36,1%	80,5%	58,3%	80,5%	80,5%
	“agradável”	77,7%	80,5%	75,0%	77,7%	66,6%	44,4%	88,8%	83,3%	83,3%	83,3%
DIALETAIS	“cantada”	41,6%	52,7%	52,7%	61,1%	88,8%	88,8%	52,7%	41,6%	69,4%	38,6%
	“lenta”	30,5%	44,4%	52,7%	36,1%	75,0%	50,0%	77,7%	72,2%	61,1%	47,2%
ESTILÍSTICAS	“expressiva”	72,2%	61,1%	75,0%	72,2%	55,5%	50,0%	80,5%	52,7%	72,2%	66,6%
	“simples”	72,2%	60,6%	72,2%	66,6%	72,2%	50,0%	91,5%	66,6%	75,0%	63,8%

4.2.1.6 Considerações gerais sobre a variável “sexo” com fita-estímulo

Agrupando as atitudes de aracajuanos em relação à sua própria fala, à fala baiana, à alagoana e à carioca, em presença do estímulo da fala por sexo, encontramos os gráficos nº 10 e 11.

Assim, para o aracajuano de ambos os sexos, a fala alagoana é a mais “agradável” e mais “lenta”, e a segunda fala aracajuana é a mais “cantada”. Para o sexo masculino, é ainda a fala alagoana a mais “bonita”, a mais “expressiva” e a mais “simples”, enquanto para o sexo feminino, a fala mais “bonita” é a carioca, a mais “expressiva” é a primeira aracajuana e as mais “simples” são a baiana, primeira aracajuana e alagoana.

De uma maneira geral, podemos dizer que, na variável “sexo”, não houve reconhecimento das amostras; apenas a primeira fala aracajuana atinge um índice médio de identificação. O modo de falar dos informantes é sempre considerado superior ao das amostras e por isso mesmo não semelhante a elas. É também negada a possibilidade de imitar o modo de falar das amostras.

GRÁFICO Nº 10 Atitudes masculinas face às fitas-estímulo I, II, IV e V.

- a) bonita
- b) agradável
- c) cantada
- d) lenta
- e) expressiva
- f) simples

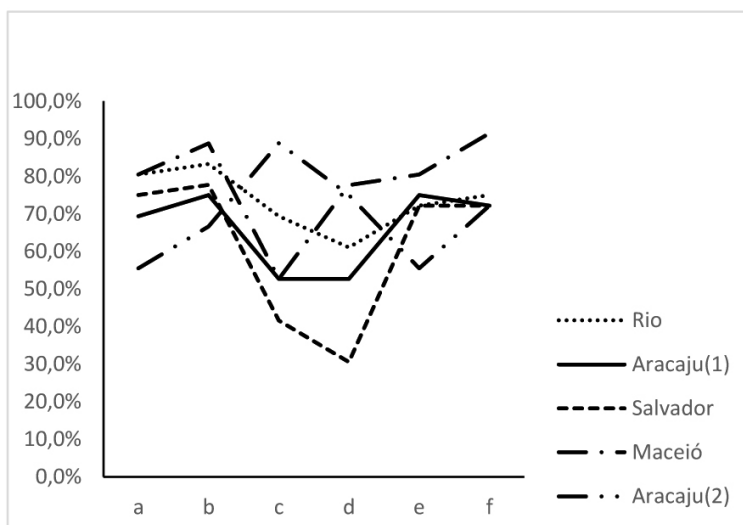
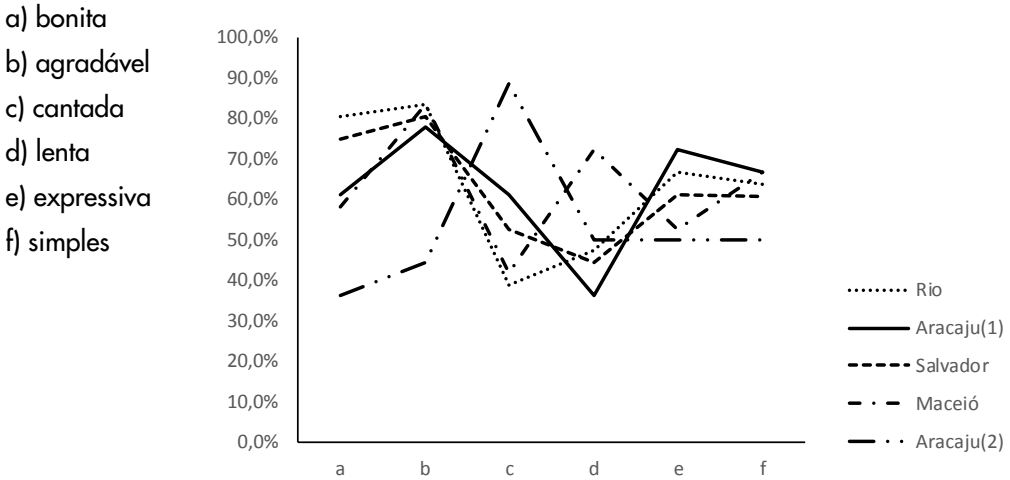


GRÁFICO Nº 11 Atitudes femininas face às fitas-estímulo, I, II, IV, III e V.

4.2.2 ATITUDES LINGUÍSTICAS COM ESTÍMULO NA VARIÁVEL “IDADE”

4.2.2.1 *A variável “idade” em relação ao estímulo I (fala baiana)*

A atitude do aracajuano com relação à fala baiana, em presença da fita-estímulo, na variável “idade”, tem índices superiores aos da atitude sem a fita estímulo, principalmente nas características estéticas e estilísticas. Isso confirma a atitude com a fita-estímulo observada na variável “sexo”.

Nas características puramente estéticas, encontramos uma atitude fortemente positiva, principalmente para as faixas etárias I e III. Apenas no item “bonita” a FE-II fica abaixo de 70%.

A atitude frente às características dialetais, na variável “idade”, é muito positiva. Essas são as características mais estigmatizadas. Quanto maior o índice percentual das respostas, mais positiva a atitude. Em relação à fala baiana, as percentagens ficam quase sempre acima do índice médio. Somente a FE-I ultrapassa 60% em ambos os itens (“cantado” = 62,5% e “simples” = 66,7%).

As características estilísticas, apesar de positivas, têm índices inferior às estéticas. Os índices mais baixos são da FE-I, (“expressiva” = 62,5% e “simples” = 66,6%). As FE-II e FE-III atingem os 70,0%.

A atitude do aracajuano em relação ao modo de falar do baiano é muito positiva, conforme comprovam os dados obtidos.

4.2.2.2 *A variável “idade” em relação ao estímulo II (fala aracajuana 1)*

A primeira fala aracajuana apresenta atitudes positivas nas faixas etárias II e III. A fala etária I apresenta índices inferiores aos da fala baiana.

As características estéticas não são muito positivas para a FE-I, cuja percentagem para o item “bonita” é de apenas 45,8%, e para item “agradável” 62,5%. Já a FE-III apresentou índices de 83,3% “agradável”. O item “bonita”, apesar de ser inferior a este, é superior aos 70% tanto para a FE-II (70,8%) como para a FE-III (79,1%).

Nas características dialetais, apenas a FE-II (45,8%) tem uma atitude altamente positiva em relação ao item “cantada”. Ela tem índices inferiores a 46%, o que demonstra que, para a FE-II, a primeira fala aracajuana não é nem “cantada” nem “lenta”. O item “lenta” tem apenas uma percentagem de 33,3%.

As características estilísticas são acentuadamente positivas. As FE-II e FE-III têm as atitudes mais positivas quanto à primeira fala aracajuana que em relação à baiana.

A atitude do aracajuano em relação ao seu próprio falar em presença da fita-estímulo é inferior à da fala baiana, apesar de ser também uma atitude positiva.

4.2.2.3 *A variável “idade” em relação ao estímulo IV (fala aracajuana 2)*

A segunda fala aracajuana é a que recebe atitudes mais negativas, conforme demonstram os dados obtidos. As características estéticas não atingem um índice de aceitação de 60% em nenhuma das faixas etárias. O item “bonita” recebe a menor percentagem de todos os estímulos apresentados (37,5% para a FE-I); alcança apenas os 54,1% para a FE-II. O índice referente ao item “agradável” é também o menor (45,8% para FE-III). A diferença entre eles e o imediatamente superior é de 10%. Não resta dúvida de que os informantes aceitam menos esta segunda fala aracajuana.

Nas características dialetais, o item “cantada” é o que apresenta porcentagem mais alta para essa fala em todas as três faixas etárias. O menor índice (70,8%) é da FE-II. O item “lenta” é também grande apesar de ser inferior ao “cantada” (58,3% para a FE-I e FE-II e 70,8% para a FE-III. Isso demonstra uma estigmatização em relação à segunda fala aracajuana.

As características estilísticas apresentam um dado controvertido. É que a FE-I acha esta fala muito “expressiva” (54,1%) e mais “simples” (66,6%) que a primeira fala aracajuana, considerada mais positivamente que essa em todos os demais aspectos. Com isso, vemos que há muita subjetividade quanto tratamos de avaliar atitudes.

A atitude dos aracajuanos das três faixas etárias com relação ao seu próprio falar é menos positiva que aquela relativa à primeira fala aracajuana. Os informantes aceitam mais a primeira fala aracajuana que a segunda. Isto confirma a atitude de variável “sexo”.

4.2.2.4 *A variável “idade” em relação ao estímulo III (fala alagoana)*

O aracajuano das três faixas etárias aceita muito mais a fala do alagoano quando a escuta. Assim sendo, a atitude positiva está presente em todos os itens relacionados a esta fala, com exceção do item “cantada”. Entretanto, quando perguntamos sobre a opinião a respeito da fala alagoana sem a presença dela, os informantes a rejeitaram.

Nas características estéticas, os aracajuanos da FE-II têm as mesmas atitudes (59,3% para o item “cantada” e 75% para o “agradável”) com relação à fala alagoana que com a baiana. Os da FE-III têm atitudes mais negativas (70% para o item “bonito” e 87,5% para “agradável”) que as emitidas em relação ao falar baiano. Apenas a FE-I é que apresenta índices mais altos (79,1% para o item “bonita” e 95,8% para “agradável”) do que manifestados quanto à fala baiana.

Nas características dialetais, apenas o item “lenta” é marcado positivamente; aliás, a fala alagoana é tida como a mais “lenta” dos estímulos escutados. Seu índice está sempre acima de 70%, no item “cantada”, entretanto, as porcentagens alcançam apenas 50% nas FE-II e FE-III; a FE-I (33,3%) tem porcentagem ainda mais baixa.

As características estilísticas despertam atitudes positivas, mas é a FE-III (75,0% para o item expressiva” e 87,5% para “simples”) que mais aceita a fala

alagoana. Ao contrário, a FE-II apresenta índices baixos, eles não ultrapassam 67,0%.

A atitude que os aracajuanos das três faixas etárias têm com relação ao modo de falar do alagoano é sempre positiva.

4.2.2.5 *A variável “idade” em relação ao estímulo V (fala carioca)*

A atitude do aracajuano com relação à fala carioca, em presença do estímulo da fita, continua sendo positiva, apesar de não apresentar índices tão elevados como aqueles sem o estímulo.

Os informantes reagem muito positivamente às características estéticas da fala carioca. Mesmo assim, apenas na FE-II (87,5% para o item “agradável” e 83,3% para “bonita”) encontramos índices superiores aos demonstrados nas demais falas. Nas outras faixas, os índices ou equiparam-se ou são inferiores aos representados nas demais amostras.

Nas características dialetais, a fala carioca é considerada mais “cantada” (70,8%) e mais “lenta” (41,6%) que a baiana, pela FE-I, e mais “lenta” que a primeira fala aracajuana e baiana pela FE-II (45,8%) e FE-III (75,0%). A FE-III apresenta uma percentagem muito alta em relação ao item “lenta”.

As características estilísticas são positivas, mas não são tão aceitas quanto sem a fita-estímulo. O índice de ambos os itens não ultrapassa a 70%.

As atitudes mais positivas com relação à fala carioca em presença da fita-estímulo são apresentadas no julgamento das características estéticas.

4.2.2.6 *A variável “idade”, e a avaliação das próprias atitudes*

Ao serem indagados a que cidade pertencem as falas ouvidas, os informantes das três faixas etárias mostraram-se incapazes de reconhecê-las facilmente. Da mesma forma que para a variável “sexo”, apenas a primeira fala aracajuana é confirmada como sendo de Aracaju por 54,1% da FE-I e 58,3% das FE-II e FE-III. As outras falas apresentam um índice de reconhecimento muito baixo. A fala de Salvador foi identificada por 20,8% da FE-I, 33,3% da FE-II e 16,6% da FE-III. 25% da FE-I, 29,1% da FE-II e 20,8% da FE-III reconheceram a fala de Maceió, enquanto apenas 13,5% da FE-I, 29,1% da FE-II e 25,0% da FE-III declararam

ser de Aracaju a segunda fala aracajuana ouvida. A fala carioca apresenta índices mais altos que as de Maceió e Salvador, mas não chega a atingir um índice médio. Foi reconhecida por 37,5% da FE-I e 41,6% das FE-II e FE-III.

A pergunta “você tem a fala (modo de falar) semelhante ao dessas pessoas” recebeu repostas que indicam uma atitude negativa por parte dos informantes. Apenas 33,3% das FE-I e FE-III e 37,5% da FE-II julgaram seu modo de falar semelhante ao baiano, 33,3% da FE-I, 62,5% da FE-II e 54,1% da FE-III admitiram que sua fala se assemelha à primeira fala aracajuana; 25% da FE-I, 45,8% da FE-II e 50,0% da FE-III imaginaram o seu falar semelhante ao alagoano. A segunda fala aracajuana apresenta índices baixos; 20,8% da FE-I e 25,0% das FE-II e FE-III afirmaram que seu falar se parece com essa fala; 41,6% da FE-I, 29,1% da FE-II e 25,0% da FE-III admitiram ter fala semelhante à carioca.

Como os informantes não acham sua fala semelhante à ouvida, consideram a sua mais bonita. Sendo assim, os índices da pergunta “você tem a fala (modo de falar) mais bonito que a dessa pessoa?” são sempre positivos: 62,5% da FE-I, 70,8% da FE-II e 54,1% da FE-III imaginaram sua fala mais “bonita” que a fala de Salvador; 62,5% da FE-I, 58,3% da FE-II e 66,6% da FE-III afirmaram que o seu modo de fala é mais “bonito” que a primeira fala de Aracaju; 58,3% da FE-I, 66,6% da FE-II e 54,1% da FE-III julgaram ter a sua fala mais “bonita” que a fala de Maceió; 66,6% da FE-I, 83,3% da FE-II e 79,1% da FE-III declararam que o seu falar é mais “bonito” que a fala do carioca apresentada. Os dados demonstraram que os aracajuanos das três faixas etárias pesquisadas consideraram sua fala mais “bonita” que a das amostras.

Os dados acima expostos confirmam o mesmo fato já observado na seção 4.2.1. Quanto menor a semelhança encontrada entre a fala ouvida e a do informante, mais positiva será a atitude deste em relação ao seu próprio falar. Apenas a FE-II apresentou um índice negativo (41,6%) a esta pergunta.

De uma maneira geral o aracajuano das três faixas etárias não julga ser capaz de imitar a fala ouvida. Apenas a FE-II apresenta um índice superior à média, ao se dizer capaz de imitar a fala de Salvador. Portanto, o resultado da pergunta “você conseguiria imitar a fala (modo de falar) dessas pessoas?” é quase sempre abaixo do índice médio: 45,8% da FE-I, 66,6% da FE-II e 41,6% da FE-III consideraram-se capazes de imitar a fala de Salvador; 41,6% da FE-I, 45,8% da FE-II e 37,5% da FE-III afirmaram que conseguiriam imitar a primeira fala de Aracaju. Apenas 29,1% da FE-I e 33,3% das FE-II e III declararam-se aptos a reproduzir a fala de Maceió; 37,5% da FE-I, 41,6% da FE-II e 33,3% da FE-III julgaram-se

capazes de imitar a segunda fala de Aracaju; 41,6% da FE-I e 29,1% das FE-II e FE-III imaginaram-se com capacidade de arremedar a fala do Rio de Janeiro.

TABELA Nº 5 – Atitudes linguísticas com fitas-estímulo na variável “Idade”

CARACTERÍSTICAS		RESPOSTAS AFIRMATIVAS / VARIÁVEL “IDADE”														
		Fala de Salvador			1º fala de Aracaju			2º Fala de Aracaju			Fala de Maceió			Fala do Rio de Janeiro		
		FE I	FE II	FE III	FE I	FE II	FE III	FE I	FE II	FE III	FE I	FE II	FE III	FE I	FE II	FE III
ESTÉTICAS	“bonita”	79,1%	58,3%	87,5%	45,8%	70,8%	79,1%	37,5%	54,1%	45,8%	79,1%	58,3%	70,8%	79,1%	83,3%	79,1%
	“agradável”	70,8%	75,0%	91,6%	62,5%	83,3%	83,3%	54,1%	66,6%	45,8%	95,8%	75,0%	87,5%	81,6%	87,5%	70,8%
DIALETAIS	“cantada”	37,5%	62,5%	41,6%	75,0%	45,8%	50,0%	79,1%	70,8%	79,1%	33,3%	58,3%	60,0%	70,8%	54,1%	41,6%
	“lenta”	33,3%	33,3%	45,8%	45,8%	33,3%	54,1%	58,3%	58,3%	70,8%	75,0%	70,8%	79,1%	41,6%	45,8%	75,0%
ESTILÍSTICAS	“expressiva”	62,5%	62,5%	75,0%	50,0%	91,6%	79,1%	54,1%	62,5%	41,6%	70,8%	54,1%	75,0%	70,8%	70,8%	66,6%
	“simples”	66,6%	70,8%	70,8%	62,5%	75,0%	70,8%	66,6%	45,8%	70,8%	83,3%	66,6%	87,5%	66,6%	70,8%	70,8%

4.2.2.7 Considerações gerais sobre a variável “idade”, com fita-estímulo

Agrupando as atitudes de aracajuanos das três faixas etárias com relação à sua própria fala, à fala baiana, à alagoana e à fala carioca, em presença da fita-estímulo, temos os gráficos nº 12, 13 e 14.

Como vemos, os aracajuanos das três faixas etárias concordam que a fala mais “cantada” é a segunda fala aracajuana e a mais “lenta” é a alagoana.

Para a FE-II, a fala mais “bonita” e mais “agradável” é a carioca; para a FE-III é a baiana. A mais “expressiva” para as FE-II e III é a primeira fala aracajuana, que é também a mais “simples” para a FE-II. Para as FE-I e FE-III, a mais

“simples” é a fala alagoana, que é também a mais “agradável” para a FE-I; a FE-I acha as falas baiana, alagoana e carioca as mais “bonitas”, e as mais “expressivas” a alagoana e a carioca.

Também não houve na variável “idade” índice que justificasse o reconhecimento das amostras. O modo de falar dos informantes é sempre mais “bonito” que os apresentados. Não há semelhança entre a amostra e o modo de falar dos informantes. Todas as faixas etárias se julgam incapazes de imitar qualquer fala. Os dados demonstram que o resultado da variável “idade” corrobora os da variável “sexo”.

GRÁFICO N° 12 Atitudes de informantes de faixa etária I, face às fitas-estímulo I, II, IV, III e V

- a) bonita
- b) agradável
- c) cantada
- d) lenta
- e) expressiva
- f) simples

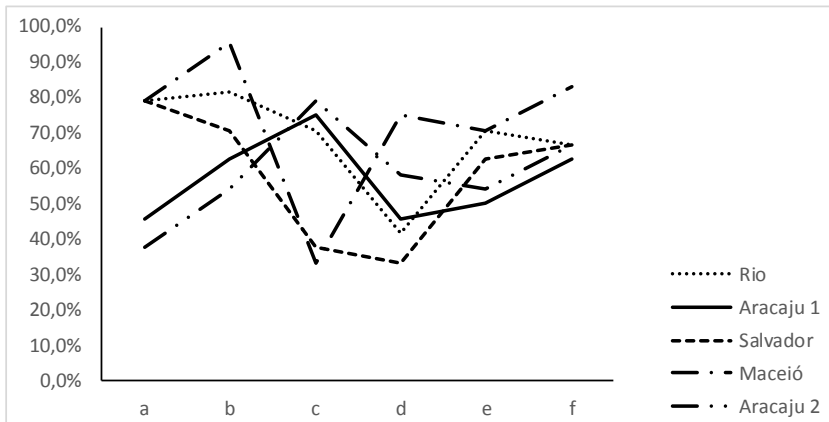


GRÁFICO N° 13 Atitudes de informantes de faixa etária II, face às fitas-estímulo I, II, IV, III e V

- a) bonita
- b) agradável
- c) cantada
- d) lenta
- e) expressiva
- f) simples

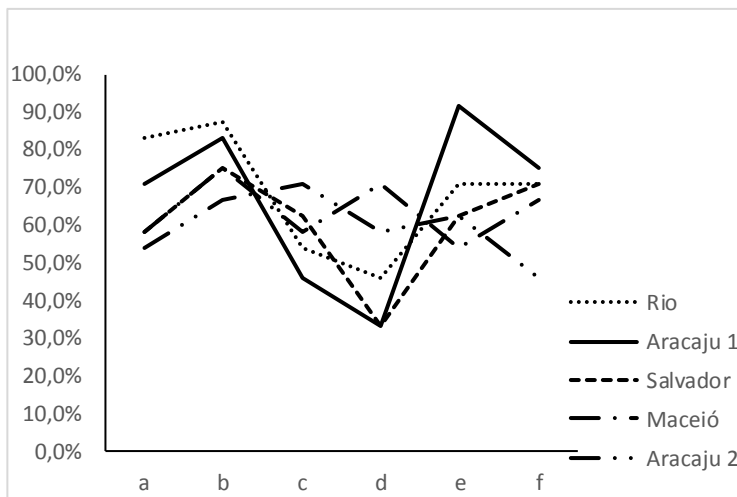
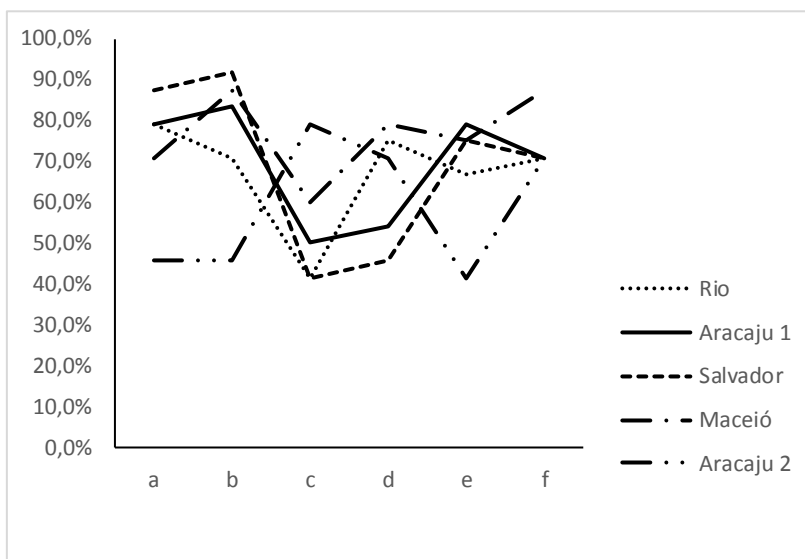


GRÁFICO N° 14 Atitudes de informantes de faixa etária III, face às fitas-estímulo I, II, IV, III e V

- a) bonita
- b) agradável
- c) cantada
- d) lenta
- e) expressiva
- f) simples



4.2.3 Atitudes linguísticas com estímulos na variável “escolaridade”

4.2.3.1 A variável “escolaridade” em relação ao estímulo I (fala baiana)

A atitude do aracajuano em presença da fita-estímulo na variável “escolaridade” confirma as atitudes com relação às variáveis “sexo” e “idade”. É uma atitude muito mais positiva com relação ao falar baiano que a atitude sem a presença da fita-estímulo.

Nas características puramente estéticas, há uma atitude positiva bem assinalada para todas as escolaridades, tanto no item “bonita” (a menor é 66,6% da E-III) como “agradável” (a menor é 72,2% das E-I e E-II).

As características dialetais atingem apenas um índice médio nas E-I (50,0%) e E-II (61,1%) para o item “cantada”. Isso demonstra grande aceitação da fala baiana por parte dos aracajuanos, uma vez que eles não lhes atribuem acentos dialetais normalmente considerados negativos.

As características estilísticas refletem uma atitude positiva, mas inferior à apresentada no julgamento das características estéticas. A E-IV é a que apresenta maior percentagem (83,3%) em relação ao item “simples”. As outras escolaridades têm índices em torno de 60%.

4.2.3.2 *A variável “escolaridade” em relação ao estímulo II (fala aracajuana I)*

A primeira fala aracajuana apresenta atitudes positivas, embora inferiores às da fala baiana. As características estéticas ficam pouco acima do índice médio. Apenas a E-II ultrapassa os 70,0% nos dois itens e a E-I em um. A atitude das E-III e E-IV é positiva, porém com índices mais baixos (61,1% na E-III e 66,6% na E-IV).

Nas características dialetais, a primeira fala aracajuana apresenta índices em torno do índice médio. Esta fala é, por isso mesmo, menos aceita que a baiana em presença da fita-estímulo. No item “cantada”, a E-I apresenta 50,0%, as E-II e E-IV mostram 55,5% e a E-III 66,6%.

As características estilísticas são mais positivas que as estéticas. Aqui há uma avaliação superior à fala baiana. O item “expressiva” tem percentagens acima de 70%, exceto na E-IV, cuja percentagem é de 66,6%. Esta é também a percentagem das E-I e E-IV em relação ao item “simples”.

A atitude do aracajuano com relação à sua própria fala, em presença da fita-estímulo, é uma atitude positiva e não muito estigmatizada, devido aos baixos índices em relação às características dialetais.

4.2.3.3 *A variável “escolaridade” em relação ao estímulo IV (fala aracajuana 2)*

A segunda fala é a que apresenta atitudes mais negativas por parte dos informantes. As características puramente estéticas atingem apenas um índice de 61,1% nas E-I e E-II para o item “agradável”. Somente a E-II apresenta uma percentagem de 55,5% no item “bonita”; as outras escolaridades não atingem nem um índice médio. Isso significa que os informantes não gostaram da segunda fala aracajuana.

Nas características dialetais, o item “cantada” é o que apresenta percentagens mais elevadas com relação a esta fala, é o único item cujos índices ultrapassam os 70%. A E-IV se apresenta como a mais observadora e seu índice para o item “cantada” chega aos 83,3%, enquanto a E-II considerou-a menos “lenta”; assim mesmo a percentagem é de 55,5%.

As características estilísticas, embora reflitam uma atitude positiva, apresentam índices mais baixos, pois, no grau de escolaridade IV, não chegam a atingir nem 40% no item “expressiva”. Os outros graus de escolaridade, no mesmo item, detêm índices em torno de 60%. Mais uma vez, vemos que a segunda fala araca-

juana não é aceita por grande parte dos informantes. Esta fala não é nem mesmo considerada “simples”, pois nas E-I e E-II obtivemos índices de apenas 55,5%, e nas E-III e E-IV de 66,6%.

Os dados referentes à atitude do aracajuano com relação à segunda fala aracajuana, nos quatro graus de escolaridade, mostram que esta é uma fala muito menos aceita que a primeira.

4.2.3.4 *A variável “escolaridade” em relação ao estímulo III (fala alagoana)*

A fala de Maceió é, sem dúvida, a que apresenta a maior diferença entre a atitude que o aracajuano diz ter e a que ele realmente tem. A atitude do aracajuano com relação à fala alagoana em presença da fita-estímulo é marcadamente positiva, quer se trate da variável “sexo”, “idade” ou “escolaridade”.

Nas características estéticas, as atitudes mais positivas se encontram nos aracajuanos de grau de escolaridade IV. O índice mais baixo referente ao item “agradável” é de 77,7% para as E-I e E-II.

As características dialetais praticamente não são estigmatizadas, uma vez que os índices referentes ao item “cantada” são mais baixos, menores que os relativos à fala carioca. Apesar disso, os índices em referência ao item “lenta” são os mais altos. Isso significa que a fala alagoana é considerada a mais “lenta” de todas. Somente a E-IV considerou-a menos “lenta” que a fala carioca.

As características estilísticas apresentam atitudes positivas, entretanto o grau de escolaridade IV não atinge índice médio no item “expressiva”. É um caso interessante porque é esse mesmo grau de escolaridade que apresenta atitudes mais positivas nas características estéticas.

A atitude dos aracajuanos dos quatro graus de escolaridade com relação à fala alagoana é muito positiva, principalmente para as E-II e E-IV, que chegam a atingir 100% no item “agradável”.

4.2.3.5 *A variável “escolaridade” em relação ao estímulo V (fala carioca)*

A atitude do aracajuano com relação à fala carioca, em presença do estímulo da fala, continua sendo positiva, apesar de não apresentar índices tão elevados como aqueles sem o estímulo da fita.

As características são acentuadamente positivas, seu índice gira em torno de 60%. Apenas o grau de escolaridade II está abaixo desse índice, tanto para o item “bonita” (66,6%) quanto para “agradável” (72,2%).

Nas características dialetais, a fala carioca é tão ou mais “cantada” que a primeira fala aracajuana. Somente o grau de escolaridade IV (72,2%) julga a fala carioca a mais “lenta” das apresentadas.

As características estilísticas apresentam atitudes positivas, mas não são tão aceitas quanto sem a fita-estímulo.

A E-I (61,1%) e E-IV (77,7%) atingem o mesmo índice nos dois itens (“expressiva” e “simples”); a E-II (83,3%) apresenta a maior percentagem para o item “expressiva” e a E-III (55,5%) a menor. Em relação ao item “simples”, a E-II (66,6%) e a E-III (72,2%) detêm os índices médios da variável “escolaridade”.

Os dados dos quatro graus de escolaridade com relação à fala carioca demonstram que a atitude dos aracajuanos continua sendo positiva diante da fala carioca; entretanto, a aceitação é bem maior sem o estímulo. Esse julgamento diante do objeto em questão é mais exigente, como demonstram os dados.

4.2.3.6 *A variável “escolaridade” e a avaliação das próprias atitudes*

Ao serem indagados a que cidade pertencem as falas ouvidas, os informantes dos quatro graus de escolaridade mostraram-se incapazes de reconhecê-las. Apenas a primeira fala aracajuana é admitida como sendo de Aracaju por 72,2% da E-II, 66,6% da E-III, 55,5% da E-IV e 33,3% da E-I. A fala carioca foi reconhecida como tal por 66,6% da E-III, 38,8% da E-II e 27,7% da E-I e E-IV. Estas foram as únicas falas que apresentaram índices positivos. As outras falas tiveram seus índices de reconhecimento muito baixos. Apenas 38,8% das E-II e E-III, 1,1% da E-I e 5,5% da E-IV constataram que se tratava de fala de Salvador. Somente 38,8% da E-II, 33,3% da E-I, 22,2% da E-III e 5,5% da E-IV identificaram a fala de Maceió. A fala menos caracterizada como tal foi a segunda de Aracaju, seu reconhecimento foi de apenas 27,7% da E-II, 22,2% das E-I e E-IV e 16,6% da E-III.

A pergunta “você tem a fala (modo de falar) semelhante ao dessa pessoa?” apresenta uma atitude predominantemente negativa por parte dos informantes: 22,2% da E-I, 44,4% da E-II, 27,7% da E-III e 55,5% da E-IV consideraram suas falas parecidas com a fala baiana; 44,4% da E-I, 66,6% da E-II, 38,8% da

E-III e 50% da E-IV afirmaram ter fala semelhante à primeira fala aracajuana; e 33,3% da E-I, 44,4% da E-II e E-IV e 33,8% da E-III julgaram seu modo de falar conforme o alagoano. A segunda fala aracajuana apresenta os índices mais baixos. Apenas 22,2% da E-I, 27,7% das E-II e E-IV e 16,6% da E-III falam dessa maneira. Declararam ter fala que se assemelha à carioca 38,8% da E-IV, 33,3% das E-II e E-III e 27,7% da E-I.

Como os informantes não admitiram ter sua fala parecida com a ouvida, julgaram-na mais bonita que a da fita-estímulo. Sendo assim, os índices da pergunta “Você tem a fala (modo de falar) mais bonito que o dessa pessoa?” são sempre positivos: 44,4% da E-I, 66,6% das E-II e E-IV e 72,2% da E-III afirmaram que sua fala é mais “bonita” que a fala de Salvador; 61,1% de E-I e E-III, 50% da E-II e 77,7% da E-IV imaginaram ter o falar mais “bonito” que a primeira fala aracajuana; 44,4% da E-I, 72,2% das E-II e E-III e 50% da E-IV declararam que sua fala é mais “bonita” que a alagoana. Como a segunda fala aracajuana é a que detém índices mais baixos com relação à pergunta anterior, consequentemente obteve índices mais altos com relação à esta pergunta: 72,2% das E-I e E-III, 77,7% da E-II e 83,3% da E-IV revelaram que sua fala é mais “bonita” que esta fala aracajuana; e 50% da E-I, 44,4% da E-II, 61,1% da E-III e 55,5% da E-IV apontaram sua fala como mais “bonita” que a fala carioca da fita-estímulo. Os dados demonstram que os aracajuanos dos quatro graus de escolaridade pesquisados consideram sua fala mais “bonita” que as apresentadas. Há, assim, uma coerência entre a semelhança da fala ouvida e uma atitude de superioridade com relação a ela. Apenas a E-I apresentou dois índices negativos e a E-II um índice negativo quanto a esta pergunta.

De uma maneira geral, o aracajuano dos quatro graus de escolaridade não se julga capaz de imitar a fala ouvida. São poucos os índices que alcançam a média. Portanto, o resultado da pergunta “Você conseguiria imitar a fala (modo de falar) dessa pessoa?” é quase sempre negativo: 38,8% das E-I e E-III, 50% da E-II e 66,6% da E-IV disseram conseguir imitar a fala de Salvador; 33,3% da E-I, 50% da E-II, 38,8% da E-III e 44,4% da E-IV reproduziriam a primeira fala aracajuana; 27,7% das E-I e E-II, 33,3% da E-III e 38,8% da E-IV declararam-se com competência de imitar a fala de Maceió; 38,8% da E-I, 61,1% da E-II, 22,2% da E-III e 27,7% da E-IV disseram ter possibilidade de imitar a segunda fala de Aracaju; e 27,7% das E-I e E-II, 44,4% da E-II e 33,3% da E-IV conseguiriam imitar a fala do Rio de Janeiro.

TABELA Nº 6 – Atitudes linguísticas com fitas-estímulo na variável “Escolaridade”.

CARACTERÍSTICAS		RESPOSTAS AFIRMATIVAS / VARIÁVEL “ESCOLARIDADE”																			
		Fala de Salvador				1º Fala de Aracaju				2º Fala de Aracaju				Fala de Maceió				Fala do Rio de Janeiro			
ESTÉTICAS		FE-I	FE-II	FE-III	FE-IV	FE-I	FE-II	FE-III	FE-IV	FE-I	FE-II	FE-III	FE-IV	FE-I	FE-II	FE-III	FE-IV	FE-I	FE-II	FE-III	FE-IV
			“bonita”	83,3%	77,7%	66,6%	72,2%	55,5%	77,7%	61,1%	66,6%	44,5%	55,1%	38,8%	44,4%	61,1%	66,6%	55,5%	94,4%	88,8%	66,6%
	“agradável”	72,2%	72,2%	88,8%	83,3%	83,3%	83,3%	61,1%	77,7%	61,1%	61,1%	50,0%	50,0%	77,7%	88,8%	100,0%	100,0%	88,8%	72,2%	83,3%	88,8%
	“cantada”	50,0%	61,1%	44,4%	38,8%	50,0%	55,5%	66,6%	55,5%	77,1%	72,8%	72,1%	83,3%	55,5%	44,4%	50,0%	50,0%	50,0%	55,5%	55,5%	55,5%
	“lenta”	27,7%	44,4%	33,3%	44,4%	33,3%	50,0%	61,1%	50,0%	58,3%	61,3%	66,8%	55,6%	66,6%	83,3%	63,3%	66,6%	61,1%	38,8%	83,3%	72,2%
	“expressiva”	77,7%	55,5%	66,6%	66,6%	77,7%	77,7%	72,2%	66,6%	66,1%	66,5%	61,6%	38,8%	77,7%	66,6%	77,7%	44,4%	61,1%	83,3%	53,5%	77,7%
	“simples”	66,6%	66,6%	61,1%	83,3%	66,6%	72,2%	72,2%	66,6%	55,6%	55,8%	66,8%	66,6%	61,1%	88,8%	83,3%	83,3%	61,1%	66,6%	72,2%	77,7%

4.2.3.7 Considerações gerais sobre a variável “escolaridade”, com fita-estímulo

Nos gráficos nº 15, 16, 17 e 18 temos as atitudes de aracajuanos nos quatro graus de escolaridade com relação ao seu próprio falar, à fala baiana, à alagoana e à carioca.

Também para os quatro graus de escolaridade, a fala mais “cantada” é a segunda fala aracajuana. A fala menos “cantada”, entretanto, difere de acordo com o grau de escolaridade do informante. Para a E-IV e a E-III é o falar baiano aquele menos “cantado”. Para a E-II é a fala alagoana a que “canta” menos. Enquanto para a E-I as falas menos “cantadas” são a baiana, a primeira aracajuana e a carioca. A fala mais “lenta”, para as E-I, E-II e E-III, é a alagoana, enquanto para a E-IV é a carioca.

A fala mais “bonita” para as E-I e E-III é a carioca, para a E-IV é a alagoana e para a E-II é a baiana e a primeira aracajuana. Mas é a fala alagoana a que detém o título de mais “agradável” para as E-II, E-III e E-IV, enquanto a E-I continua considerando o falar carioca o mais “agradável”.

A fala mais “expressiva” para as E-II e E-IV é a carioca, para a E-I é a alagoana, e para E-I são as falas baiana e a primeira aracajuana. Convém ressaltar que a segunda fala aracajuana não é considerada a menos “expressiva”, exceto para a E-IV. A fala menos “expressiva” para a E-I e a E-III é a carioca, enquanto para a E-II é a baiana.

A fala mais “simples” para as E-II e E-III é a alagoana, para a E-IV a alagoana e a baiana, e para a E-I as falas baiana e primeira aracajuana. A E-II e a E-IV consideraram a segunda fala aracajuana a menos “simples”.

GRÁFICO Nº 15 Atitudes de informantes de escolaridade I, face às fitas-estímulo I, II, IV, III e V

- a) bonita
- b) agradável
- c) cantada
- d) lenta
- e) expressiva
- f) simples

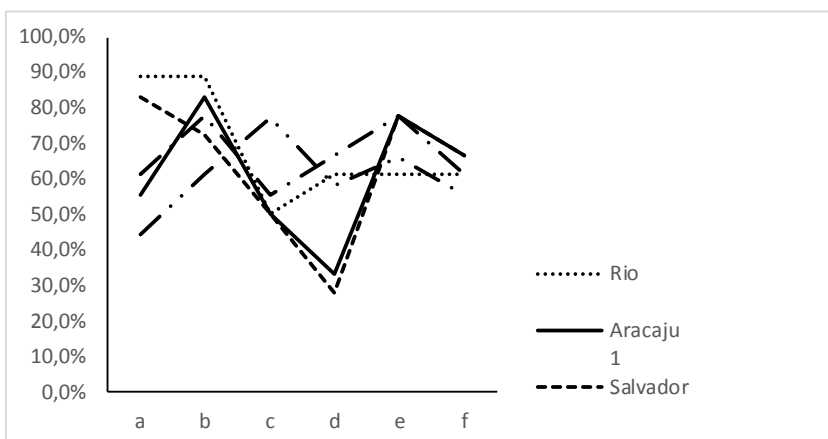
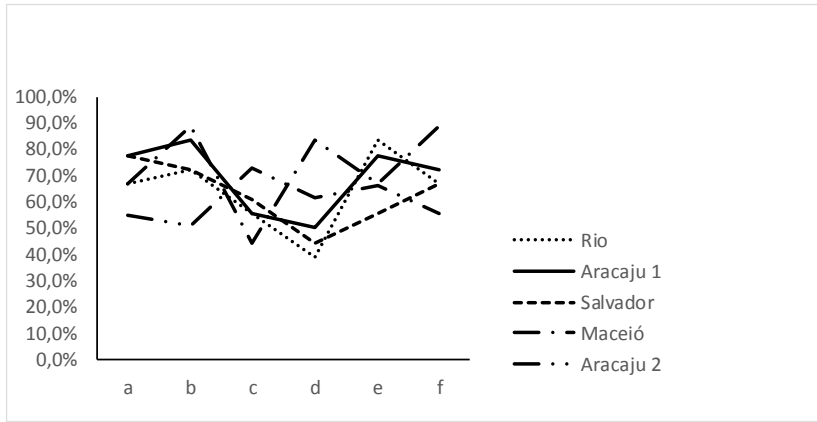


GRÁFICO N ° 16 Atitudes de informantes de escolaridade II, face às fitas-estímulo I, II, IV, III e V

- a) bonita
- b) agradável
- c) cantada
- d) lenta
- e) expressiva
- f) simples

**GRÁFICO N ° 17** Atitudes de informantes de escolaridade III, face às fitas-estímulo I, II, IV, III e V

- a) bonita
- b) agradável
- c) cantada
- d) lenta
- e) expressiva
- f) simples

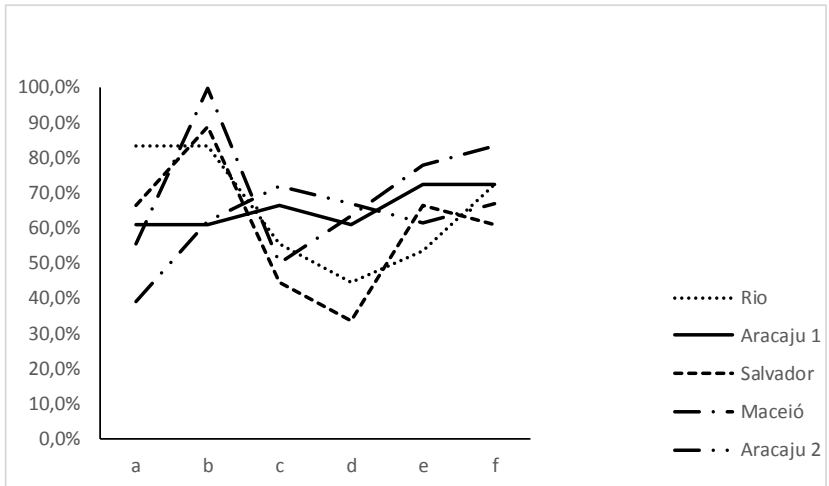
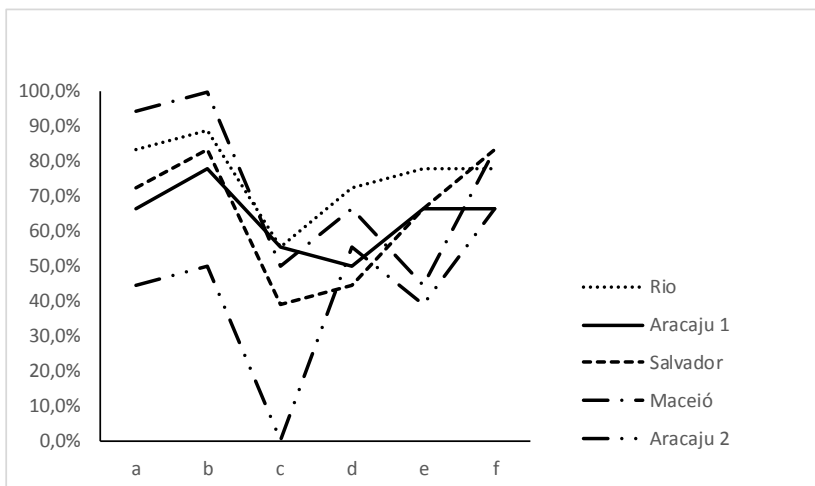


GRÁFICO Nº 18 Atitudes de informantes de escolaridade IV, face às fitas-estímulo I, II, IV, III e V

- a) bonita
- b) agradável
- c) cantada
- d) lenta
- e) expressiva
- f) simples



A fala mais “agradável” para a E-I é a carioca, para a E-II a primeira aracajuana, para a E-IV a alagoana e para a E-III a alagoana e a baiana.

A variável “escolaridade”, ao contrário das duas outras estudadas, apresenta um índice mais alto de reconhecimento da primeira fala aracajuana. Somente a E-I não atinge o índice médio. A E-III é a que apresenta os melhores índices de observação frente às amostras.

Não há semelhança entre a amostra e a fala dos informantes. Apenas a E-IV e a E-II julgaram sua fala parecidas com a baiana e a primeira aracajuana, respectivamente. Mas todos os graus de escolaridade admitem ter fala mais bonita que as das amostras. Apenas a E-I e E-II apresentam índices em torno de 40%.

Os informantes não se julgam capazes de imitar a fala das amostras. Mas a E-II admite imitar a fala de Salvador e a primeira de Aracaju enquanto a E-IV admite imitar apenas a de Salvador.

4.3 O FALAR ARACAJUANO

4.3.1 Avaliando a partir do questionário

Agora trataremos dos aspectos sociolinguísticos do falar aracajuano, fazendo uma análise de três temas: a) o falante e seus usos de fala, b) a importância de falar bem e c) as políticas linguísticas.

4.3.1.1 O falante e seus usos de fala

Trataremos das diversas situações em que o aracajuano é chamado a fazer uso de um nível de língua mais cuidada, ou a saber da existência de diferenças linguísticas. Incluiremos também, nesta seção, as indagações sobre o prestígio que o aracajuano dá ao seu próprio dialeto. São as seguintes as afirmações aqui agrupadas:

1. Capricho ao falar com o servente no trabalho
2. Capricho ao falar com os irmãos (os filhos) em casa
3. Capricho ao falar com o guarda na rua
4. Conversando com uma pessoa pelo telefone, sou capaz de dizer qual o seu grau de escolaridade
5. A fala (modo de falar) do aracajuano é carinhosa
6. A pessoa que só usa a língua culta é chata
7. A pessoa que só usa a língua culta é simpática

Examinaremos agora os resultados obtidos em cada uma das questões, fazendo a análise segundo os fatores extralinguísticos: sexo, idade e escolaridade.

TABELA Nº 7 – O falante e seus usos de fala.

CARACTERÍSTICAS	RESPOSTAS AFIRMATIVAS/ VARIÁVEL								
	sexo		idade			escolaridade			
	M	F	F-I	F-II	F-III	E-I	E-II	E-III	E-IV
1. Capricho ao falar com o servente no trabalho	38,8%	41,6%	45,8%	37,5%	37,5%	66,6%	27,7%	33,3%	33,3%
2. Capricho ao falar com os irmãos (filhos) em casa	63,8%	72,2%	62,5%	75,0%	66,6%	88,8%	66,6%	44,4%	66,6%
3. Capricho ao falar com o guarda na rua	58,3%	61,1%	54,1%	62,5%	62,5%	88,8%	55,5%	50,0%	44,4%
4. Conversando com uma pessoa pelo telefone, sou capaz de dizer seu grau de escolaridade	41,6%	63,8%	50,0%	50,0%	58,3%	44,4%	66,6%	50,0%	55,5%
5. A fala (modo de falar) do aracajuano é carinhosa	47,2%	55,5%	54,1%	50,0%	50,0%	50,0%	50,0%	44,4%	61,1%
6. A pessoa que só usa língua culta é um chata	58,3%	61,1%	54,1%	62,5%	62,5%	50,0%	66,6%	55,5%	66,6%
7. A pessoa que só usa língua culta é simpática	38,8%	38,8%	33,3%	50,0%	33,3%	55,5%	33,3%	27,7%	33,3%

Os informantes do sexo masculino, mais que os do feminino, rejeitam utilizar um outro nível de língua no trabalho. Em relação à idade, há também uma fraca rejeição em falar melhor no trabalho, e a FE-I é a que rejeita menos essa mudança de nível na língua. Há uma distinção entre a E-I e as outras escolaridades. Somente o grau de escolaridade mais baixo admite uma mudança no uso da língua no trabalho. Os outros três grupos rejeitam essa afirmativa e a E-II é a que mais fortemente rejeita essa mudança. Os grupos que afirmam mais nitidamente não “caprichar ao falar com o servente no trabalho” são do sexo masculino, pertencem às FE-II e FE-III e possuem E-IV. Apenas a E-I está de acordo com a pergunta 22, como vemos na tabela nº 7.

Ambos os sexos admitem mudar o uso de língua ao “falar com irmãos (filhos) em casa”. Entretanto, o índice feminino (72,2%) é maior que o masculino (63,8%). A variável “idade” também afirma “caprichar ao falar com os irmãos (filhos) em casa”, a FE-II (75%) é a que mais aceita essa mudança de uso de língua. As atitudes são divididas entre quatro graus de escolaridade, mas apenas a E-III (44,4%) rejeitou “falar melhor em casa”. Dos outros três grupos de escolaridade, é a E-I a que apresenta o “sim” mais significativo (88,8%). Os grupos que afirmam “falar melhor em casa” são do sexo feminino, estão na FE-II e possuem E-I.

Somente o sexo feminino (61,1%) nos deu diferença mais nítida quanto a “falar melhor na rua”. A FE-I não apresenta uma relação entre as respostas positivas e negativas. Os informantes das FE-II e FE-III afirmaram “falar melhor na rua” (62,5%). Na variável “escolaridade” há uma escala decrescente. Falam “melhor na rua” os menos escolarizados. Eles apresentam uma afirmativa bem significativa (88,8%). Nos outros três níveis de escolaridade, o índice de aceitação é muito pequeno (E-II = 55,5%; E-III = 50%; E-IV = 44,4%). De qualquer forma, há uma relação entre as respostas negativas e o grau de escolaridade. Quanto maior o grau de escolaridade, menor o índice de aceitação de “falar melhor na rua”. Os grupos que afirmam “falar melhor na rua” são do sexo feminino, acham-se nas FE-II e FE-III e possuem E-I.

Somente os informantes do sexo feminino (63,8%) consideram-se “capazes de identificar o grau de escolaridade de uma pessoa apenas numa conversa telefônica”. Quanto à variável “idade”, apenas a FE-III (58,3%) ultrapassa um pouco o índice médio. Já na variável escolaridade, a E-II (66,6%) admite “identificar o grau de escolaridade de uma pessoa numa conversa telefônica”. É um fato interessante que os mais escolarizados (E-III = 50%; E-IV = 55,5%) apresentam um índice dentro do médio e os menos escolarizados (E-I) os que mais rejeitam fazê-lo (44,4%). Os grupos que “se julgam capazes de reconhecer o grau de escolaridade

de uma pessoa por uma conversa telefônica” são do sexo feminino, com FE-III e E-II.

A pergunta 5, “A fala (modo de falar) do aracajuano é carinhosa?”, não nos deu resultados satisfatórios. Os índices foram sempre em torno dos 50% em todas as variáveis estudadas, conforme vemos na tabela nº 7. Com esta afirmação queríamos reforçar o prestígio dado pelos informantes ao seu próprio dialeto. O que podemos deduzir daí é que não há nem preconceito nem prestígio em relação ao falar aracajuano.

Os informantes de ambos os sexos consideram “chata” a pessoa que só usa a língua culta. Há uma pequena primazia das mulheres (61,1%). Na variável “faixa etária”, as FE-II e FE-III (62,5%) apresentaram índices mais significativos quanto a esta pergunta. Apesar dos informantes dos quatro graus de escolaridade afirmarem que “é chato quem só usa a língua culta”, apenas aqueles das E-II e E-IV (66,6%) apresentaram índices superiores a 60%. Consideraram que “a pessoa que só usa a língua culta é um chato” os informantes do sexo feminino, com FE-I e possuidores de E-II e E-IV.

Tanto os informantes do sexo masculino como os do feminino concordam em negar que “a pessoa que só usa língua culta é simpática” (38,8%). O mesmo acontece com as FE-I e FE-III (33,3%), mas a FE-II apresentou um índice médio a essa afirmação. Em relação à variável “escolaridade”, apenas a E-I (55,5%) aceita esta pergunta. Assim sendo, somente a FE-II e a E-I consideraram que “a pessoa que só usa a língua culta é simpática”. Se nós considerarmos as respostas afirmativas ao falar melhor no trabalho, em casa e na rua, constatamos que o “sim” predomina, exceto no trabalho.

À primeira vista, isto nos dá a impressão de que os falantes aracajuanos parecem empregar o nível de língua que convém nas diversas situações. Entretanto, essa afirmativa não pode ser verdadeira, porque a percentagem das respostas positivas não é muito alta. Apenas ao considerar “falar melhor em casa” há um grande índice em assentamento com relação a todas as variáveis estudadas: sexo, idade, escolaridade. Mesmo assim, é interessante assinalar que os informantes com grau de escolaridade III negam falar melhor em casa. Isso nos mostra que não há um reconhecimento nítido de diferenças de nível linguístico. Os aracajuanos não se consideram aptos a reconhecer o nível de escolaridade de uma pessoa falando com ela apenas pelo telefone. Somente o sexo feminino e o grau de escolaridade II julgaram-se em condições de fazê-lo. Neles, o índice de afirmação ultrapassa 60%. Na realidade, é difícil, muitas vezes, estabelecer fronteiras entre os resultados obtidos por níveis de escolaridade. Os resultados dos níveis II e III se imbricam, dificul-

tando um melhor reconhecimento. A diferença entre o nível I e o IV é muito mais nítida, mesmo porque razões históricas a corroboram, fazendo com que a língua seja um fator determinante. Vejamos o que diz Cunha (1970, p. 20).

Diversas as nossas condições culturais, distintas também as soluções de certos problemas linguísticos no Brasil. Como só no século XIX tivemos o primeiro estabelecimento de ensino superior e a primeira imprensa, apenas uma insignificante minoria de brasileiros pôde, no período colonial, receber instrução universitária e raros foram aqueles que auferiram o privilégio de ver o produto do seu talento em letras de forma.

Daí a diglossia a acentuar-se progressivamente: de um lado, a língua popular, entregue à sua sorte na boca de tantas e tão variadas comunidades de analfabetos que se espalhavam pela imensidão do Brasil; de outro, a língua dos doutores e dos padres, dos bacharéis bem-falantes, mosaico de fragmentos do passado literário que essa elite de “bons latinos” aprendia em Coimbra ou nas tradições portuguesas conservadas nos colégios jesuítas – *signum* de superioridade cultural e, também, mais do que nunca, de distância social.

Há uma coerência entre os resultados das perguntas 6 e 7. Todas as variáveis estudadas – sexo, idade e escolaridade – são unânimes em demonstrar que “a pessoa que só usa a língua culta é um chato”. Não é de estranhar que a E-I só tenha atingido o índice médio.

Ao contrário, para a pergunta 7 há uma negação geral dos informantes de que “a pessoa que só usa a língua culta seja simpática”. Da mesma forma, a E-I não chega nem a atingir o índice médio em sua negação.

4.3.1.2 *A importância de falar bem*

Nesta seção, pesquisamos qual a importância que o aracajuano dá ao fato de “falar bem” à sua própria língua. Entre as preocupações linguísticas, o cuidado com a língua é, para os informantes, uma das exigências a fim de obter-se um certo tipo de emprego ou encontrar-se um bom trabalho. Os resultados demonstram a importância que é dada à língua do ponto de vista prático. As afirmações incluídas neste item são:

1. Falar bem é utilizar a língua
2. Falar bem é falar como o povo
3. A pessoa que não usa a língua culta fala mal
4. É importante falar bem para obter um bom emprego
5. Qual a sua opinião em relação às frases seguintes:
 - a. A gente vamos ao cinema
 - b. Você vai ao cinema com teu namorado
 - c. As meninas têm três livro muito bom
 - d. Passe aquele galfo para mim
 - e. Lhe enviei flores no Natal
 - f. Tem festa hoje?
 - g. Você qué fazê um favô para mim
 - h. Traga-me aquela coisa ali em cima da mesa
 - i. Oi! Cara! A praia hoje está cheia de gatinhas

Apenas um pouco mais da metade dos informantes de ambos os sexos concordam com a afirmação de que “falar bem é utilizar a língua culta”. Já na variável “idade”, a FE-I (70,8%) apresenta um índice de aceitação bem alto desta pergunta; enquanto na variável “escolaridade” só a E-III nega esta afirmativa. Os informantes que mais admitiram esta pergunta foram, então, os mais jovens (70,8%) com as E-I (61,1%) e E-II (66,6%). Constatamos que a variável “sexo” apresenta índices pouco acima do médio, entretanto, os informantes de sexo feminino (55,5%) manifestaram-se mais favoráveis à língua culta que os do masculino (52,7%).

Era de se esperar que, numa questão como esta, o nível de escolaridade determinasse mais a atitude que a idade, uma vez que tratamos de “língua culta”, mas não é isso o que acontece. Mesmo assim, podemos verificar pelos resultados obtidos que a língua culta tem mais importância para aqueles que menos a utilizavam: os informantes com 1º grau incompleto (E-I = 61,1%) e 2º grau completo (E-II = 66,6%).

A variável “sexo” (36,1% para ambos os sexos) não endossou a afirmação de que “falar bem é falar como o povo”. A FE-II (50%), entretanto, respalda esta afirmação. Na variável “escolaridade” há uma correlação quase que perfeita:

quanto mais os informantes são instruídos mais eles concordam em declarar que “falar bem significa falar como o povo” (77,7% para a E-IV, 66,6% para a E-III, 44,4% para a E-II e 38,8% para a E-I).

No conjunto não há relação entre as opiniões dadas. Apenas os informantes da FE-II tiveram uma relação inesperada: o índice de afirmação e de negação foi o mesmo. Não existe diferença de opinião entre informantes do sexo masculino e feminino. Notamos neste caso que nem a idade nem o sexo determinam a atitude. O que a determina é a escolaridade.

TABELA Nº 8 – A importância de falar bem.

PERGUNTAS		RESPOSTAS AFIRMATIVAS/ VARIÁVEL								
		sexo		idade			escolaridade			
		M	F	F-I	F-II	F-III	E-I	E-II	E-III	E-IV
1. Falar bem é utilizar a norma culta.		52,7%	55,5%	70,8%	33,3%	38,3%	61,1%	66,6%	38,8%	50,0%
2. Falar bem é falar como o povo.		36,1%	36,1%	16,6%	50,0%	41,6%	38,8%	44,4%	66,6%	77,7%
3. A pessoa que não usa a língua culta fala mal.		41,6%	27,7%	33,3%	37,5%	33,3%	50,0%	27,7%	38,8%	33,3%
4. É importante falar bem para obter um bom emprego		80,5%	94,4%	100,0%	75,0%	87,5%	77,7%	94,4%	88,8%	88,8%
5. Qual a sua opinião em relação as seguintes frases	“A gente vamos ao cinema”	16,6%	13,8%	12,5%	20,8%	12,5%	33,3%	16,6%	5,5%	0,0%
	“Você vai ao cinema com teu namorado”	47,2%	30,5%	45,8%	33,3%	37,5%	66,6%	22,2%	33,3%	33,3%
	“As meninas têm três livro muito bonito”	22,5%	25,0%	12,5%	33,3%	25,0%	44,4%	22,2%	11,1%	16,6%
	“Passe aquele galfo para mim”	16,6%	11,1%	8,3%	8,3%	25,0%	16,6%	27,7%	0,0%	11,1%
	“Lhe enviei flores no Natal”	52,7%	36,1%	41,6%	37,6%	54,1%	61,1%	44,4%	44,4%	27,7%
	“Tem festa hoje”	69,4%	66,4%	62,5%	75,0%	66,6%	61,1%	66,6%	55,5%	61,1%
	“você qué fazê um favô para mim”	16,6%	25,0%	16,6%	16,6%	29,1%	55,5%	27,7%	5,5%	16,6%
	“Traga-me aquela coisa ali em cima da mesa”	44,4%	38,8%	41,6%	50,0%	33,3%	50,0%	33,3%	38,8%	38,8%
	“Oi! Cara! A praia hoje está cheia de galinhas”	50,0%	38,8%	50,0%	50,0%	33,3%	55,5%	50,0%	33,3%	38,8%

Todas as variáveis estudadas negaram a afirmação de que “a pessoa que não usa a língua culta fala mal”. Apenas a E-I atingiu um índice neutro de 50%. Poderemos agora fazer outras observações para colocar em relevo as relações que existem entre os vários grupos de informantes: os mais indulgentes (liberais) pertencem ao sexo feminino e possuem grau de escolaridade 1º grau completo ou 2º grau incompleto. Ao contrário do que era de se esperar, não são os mais jovens os mais liberais e sim os que apresentam uma faixa etária entre 31 e 50 anos. Para o grupo E-IV, a relação é um pouco irregular: de todos os grupos não é ele o que apresenta a negativa mais forte. Entretanto, os menos escolarizados são os mais puristas. Assim sendo, os fatores mais determinantes para esta pergunta são “sexo” e “escolaridade”.

Ao contrário da pergunta 4, em que a negação predominou, a afirmação de que “é importante falar bem para obter um bom emprego” recebeu o assentimento de todas as variáveis estudadas. Entre as preocupações linguísticas, o cuidado com a língua é importante. Isto mostra um alto nível de conscientização do valor prático que o aracajuano dá à sua língua. As mulheres (94,4%), mais que os homens (80,5%), reagem favoravelmente à necessidade de falar bem sua língua. E os mais jovens são unânimes em reconhecer esse valor linguístico. Quando uma questão suscita um grande consenso, como neste caso, existe pouca distinção entre a opinião dos diferentes grupos de informantes.

As questões que tratam do desvio da norma na língua falada no Brasil são em número de nove. Elas se encontram introduzidas pelo cabeçalho: “Qual a sua opinião em relação às seguintes frases”. Todas as variáveis estudadas consideraram ruim a falta de concordância verbal, mas não há dúvida de que é a variável escolaridade a que determina a atitude dessa pergunta. Aqui temos uma ordem crescente de rejeição. Esse resultado deve ser lido como quanto mais escolarizado um informante, menos aceita um erro de concordância verbal do tipo “a gente vamos”. Os informantes de nível superior são unânimes em repeli-lo.

Ambos os sexos desaprovam a mistura de pronomes, mas numa percentagem bem menor que a rejeição à falta de concordância verbal; o mesmo acontece com a variável “idade”, em que os mais jovens apresentam uma desaprovação mais fraca. Os menos escolarizados, entretanto, aceitam a mistura de pronomes na frase, enquanto a E-II é que menos a admite.

A falta de concordância nominal é recusada por ambos os sexos. Entretanto, esse desvio ainda é mais aceito que a falta de concordância verbal. Aqui, os in-

formantes de sexo masculino apresentam uma percentagem de reprovação maior que as mulheres. Todas as faixas etárias repudiam essa falta de concordância, mas são os mais jovens os que representam maior segurança linguística e, por isso mesmo, mais rejeitam. Os informantes da FE-II são os que mais estão de acordo com a falta de concordância nominal. A escolaridade é o fator determinante para esta atitude. Quanto mais escolarizados os informantes, menos admitem a falta de concordância nominal. Há uma diferença entre os informantes de escolaridade III e IV, mas é apenas 5,5%, o que a torna irrelevante.

Ambos os sexos reprovaram a troca de “r” por “l”, sendo que as mulheres discordaram mais. A percentagem de desaprovação das faixas etárias I e II é de quase 100%. Os informantes mais velhos (25%) são os que mais aprovaram essa troca. Não há relação entre os informantes dos vários níveis de escolaridade. Há uma discordância de 100% nos informantes com E-III. Os que mais aceitaram a troca do “r” pelo “l” são os informantes com E-II (27,7%).

Iniciar uma frase com o pronome oblíquo foi aceito pelos informantes do sexo masculino (52,7%). As mulheres (36,1%) são mais puristas e rejeitaram essa colocação. Mais uma vez os informantes da FE-II (37,6%) são os que mais se recusaram começar a frase com pronome oblíquo. A escolaridade é o fator determinante dessa atitude. Quanto mais escolarizados os informantes, menos tolerantes em começar a frase com pronomes oblíquos. Os informantes com E-I (61,1%), entretanto, admitiram esse emprego.

Ambos os sexos consentiram com o emprego de “ter” por “haver”. Os informantes de sexo masculino (69,4%) apresentaram uma percentagem maior de aceitação que aqueles de sexo feminino (66,4%). Quanto à variável “idade”, é a FE-II (75%) que tem o maior índice de anuência a esse emprego. Ao contrário do que era de se esperar, os que mais admitem o uso de “ter” por “haver” não são os menos escolarizados, mas os da E-II (66,6%), enquanto os da E-III (55,5%) são os mais discordantes.

Os informantes de ambos os sexos repudiaram a queda do “r” final, sendo que os homens manifestaram uma percentagem maior de rejeição que as mulheres. Em relação à variável “idade”, são os informantes da FE-III (29,1%) que discordam menos, os da E-I chegam mesmo a aceitar a queda de “r” enquanto a E-III mais a recusa.

Tanto o sexo masculino quanto o feminino desprezam a pobreza vocabular, já a FE-II (50%) tem um índice de anuência médio. Os informantes com E-I concordam com essa faixa etária, aceitando também a pobreza vocabular. Entretanto, são os informantes com E-II (33,3%) os que menos toleram esse emprego de

“coisas” em lugar do vocábulo mais específico. Os informantes de sexo masculino admitem o uso de gírias enquanto aqueles do sexo feminino o repudiam. A FE-III (33,3%) concorda com a opinião das mulheres. Já os informantes com E-I (55,5%) e E-II (50%) discordam delas, admitindo o uso de gírias. Aqueles que mais repudiam são os de E-III (33,3%), mas a diferença entre estes e os de E-IV (38,8%) é muito pequena.

De uma maneira geral, vemos na tabela nº 8 que os informantes apresentam uma opinião consistente, mesmo os mais jovens e os menos escolarizados. Isso se apresenta, principalmente, nas questões que tratam do “falar bem”. Há um ponto incoerente no resultado da questão 2: “falar bem é utilizar a língua culta”. Nela, os informantes mais jovens são os que mais concordam com esta afirmação. Apesar de estarem de acordo com a afirmativa de que “falar bem é utilizar a língua culta”, os mais jovens negam a asserção de que “quem não usa língua culta fala mal”. Esta atitude não apresenta a consistência esperada, mas isso não acontece com as variáveis “sexo” e “escolaridade”. Na variável “escolaridade”, encontramos muitas vezes uma afirmação ou negação mais forte na E-III. Como a maioria dos informantes eram universitários, eles negaram ou afirmaram mais fortemente uma atitude, por ainda se encontrarem em fase de formação. Mesmo assim, a diferença entre os dois níveis de escolaridade mais altos (E-III e E-IV) era tão pequena que se tornava irrelevante.

Com relação à variável “sexo”, a atitude do sexo feminino é sempre mais clara que a do masculino. Isso pode significar que as mulheres colocam sempre um pouco mais de ênfase em suas posições, quer favoráveis quer desfavoráveis.

Nos resultados obtidos das respostas à aceitação ou não de “frases erradas”, constatamos que é a variável “escolaridade” que mais determina a atitude dos informantes. De uma maneira geral, para os aracajuanos, os “erros” gramaticais menos aceitos são: concordância verbal e nominal, troca de “r” por “l” e a queda do “r” final das palavras. E o menos repudiado é o uso de “ter” por “haver”.

Esse fato foi considerado como sintoma de tendência linguística por Mattoso Câmara Jr. (1975, p. 46): “o verbo haver nesta função está sobrepujado por ter, e o aluno passa do primeiro ao segundo com a maior naturalidade na mesma frase...”

As mulheres são linguisticamente mais puristas que os homens, enquanto os mais jovens têm uma atitude linguística mais liberal; e os da FE-II são mais puris-

tas que os mais velhos. A variável “escolaridade” é a que mais determinada a atitude dos aracajuanos em relação aos “erros” gramaticais, como era de se esperar.

4.3.1.3 *As políticas linguísticas*

Neste item de nossa pesquisa, queríamos saber a opinião dos aracajuanos acerca dos problemas da língua falada. Desejávamos, mais especificamente, estabelecer quem os aracajuanos julgam responsável pelo melhoramento da língua falada. Incluem-se neste item as seguintes afirmações:

1. Quem deve melhorar a língua falada é a família
2. Quem deve melhorar a língua falada é a escola
3. Quem deve melhorar a língua falada é o indivíduo

São questões de ordem conativa suscetíveis de revelar uma tomada de posição dos informantes. O comportamento dos aracajuanos se deduzirá de sua adesão aos enunciados, propondo uma política da língua.

Os informantes de ambos os sexos concordam que “a família deve melhorar a língua falada”, com os homens (83,3%) apresentando um índice superior ao das mulheres (61,1%). A variável “idade” corrobora o julgamento da variável “sexo”, e são os informantes mais novos que detêm os índices mais altos. Na variável “escolaridade”, apenas a E-I não ultrapassa o índice médio, os outros graus de escolaridade atingem os 70%, afirmando que “a família deve melhorar a língua falada”.

Os índices também são altos em relação à afirmativa de que é “a escola quem deve melhorar a língua falada”. Nenhuma das variáveis estudadas apresenta índices inferiores a 70%. Na variável “sexo”, as percentagens dos informantes femininos são superiores às dos masculinos.

TABELA Nº 9 – As políticas linguísticas.

PERGUNTAS	RESPOSTAS AFIRMATIVAS/ VARIÁVEL								
	sexo		idade			escolaridade			
	M	F	FE-I	FE-II	FE-III	E-I	E-II	E-III	E-IV
1. Quem deve melhorar a língua falada é a família	83,3%	61,1%	79,1%	66,6	70,8%	50,0%	88,8%	88,8%	77,7%
2. Quem deve melhorar a língua falada é a escola	77,7%	86,1%	95,8%	79,1	70,8%	77,7%	77,7%	77,7%	94,4%
3. Quem deve melhorar a língua falada é o indivíduo	86,1%	64,4%	100,0%	83,3	87,3%	88,8%	100,0%	77,7%	88,8%

Na variável “idade”, os mais jovens são os que apresentam o maior índice (95,8%). As E-I, E-II e E-III apresentam as mesmas percentagens (77,7%); só a E-IV atinge os 94,4%, indicando ser “a escola quem deve melhorar a língua falada”.

Mas os maiores índices são alcançados pela afirmativa “quem deve melhorar a língua falada é o indivíduo”. As mulheres (94,4%) têm uma percentagem maior que a dos homens (86,1%). Os mais jovens são unânimes em considerar o indivíduo responsável pela melhoria da língua falada, opinião esta corroborada pela E-II. Só a E-III detém o índice mínimo de 77,7%, achando o indivíduo responsável pela melhoria da língua falada.

Pelos resultados obtidos, não resta dúvida de que os aracajuanos, qualquer que seja a variável estudada, afirmam que é preciso melhorar a língua falada.

Com relação à variável “sexo”, em ordem decrescente, a responsabilidade de melhorar a língua é do indivíduo, tanto para o sexo masculino como para o feminino. Para os informantes do sexo masculino, vem a família em segundo lugar e a escola em terceiro; enquanto para o sexo feminino o resultado é inverso: em segundo vem a escola e em terceiro a família.

Na variável “idade”, há um acordo: é o indivíduo quem deve melhorar a língua falada. Para as FE-I e FE-II, a escola está em segundo lugar e a família em terceiro, na escala decrescente de responsabilidade da melhoria da língua falada. Os informantes mais velhos colocam a família e a escola no mesmo grau de responsabilidade.

No que diz respeito à variável “escolaridade”, a E-I atribuiu ao indivíduo, seguido da escola e, por último, da família, a responsabilidade de melhorar a língua falada. Quanto à E-II, a ordem é diferente: em primeiro lugar vem o indivíduo, seguido da família e da escola. Os informantes da E-III acham que quem deve responder pela melhoria da língua falada são, em igualdade, o indivíduo, a escola e a família. Somente os informantes com nível superior colocam a escola em primeiro lugar como responsável pela melhoria da língua falada; em segundo lugar, o indivíduo e por último, a família.

4.3.2 Avaliando a partir dos estímulos de fala gravados

Na segunda parte do questionário, aquela que se refere aos estímulos gravados, os quatro últimos estímulos eram de aracajuanos com graus de escolaridade diferentes; as falas continuam a pertencer a falantes do sexo feminino, para não quebrar a uniformização. As questões apresentam alguma modificação, pois não se pergunta mais qual a cidade de origem do falante, uma vez que todos os falantes eram aracajuanos. Como trabalhamos com quatro graus de escolaridade, as falas pertencem a quatro pessoas que apresentavam graus de escolaridade I, II, III e IV. O estímulo VI apresenta um falante com E-IV, ou seja, com grau de escolaridade superior. O estímulo VII é de um falante com E-III, isto é, um universitário. O falante do estímulo VIII cursava a 7ª série do 1º grau e do estímulo IX frequentava o primeiro ano do 2º grau.

Os resultados obtidos em 4.3.1 são referentes às atitudes que os informantes dizem ter, enquanto os apresentados agora tratam das atitudes que os informantes realmente têm. Isso não significa que possamos generalizar as atitudes, uma vez que todas elas são subjetivas e variáveis. Nenhum critério objetivo, linguístico ou não, condiciona a atitude, nem mesmo a escolaridade, como veremos.

4.3.2.1 Aracajuanos em relação ao estímulo VI (=E-IV)

A atitude dos informantes em relação a uma amostra de fala, cuja escolaridade era superior, foi muito positiva, como se verá na tabela nº 10.

As características estéticas apresentam um índice superior à 60% nas três variáveis estudadas: sexo, idade e escolaridade. A variável “sexo” não nos dá

diferenciação, pois em um item a fala é mais aceita pelas mulheres e no outro pelos homens. A faixa etária, entretanto, nos dá uma separação nítida: os mais jovens são mais rigorosos em julgamento, entretanto, são os de meia idade os que qualificam esta fala mais “bonita” e “agradável”. Em relação ao grau de escolaridade, são os da E-I os mais rigorosos e os da E-II os que mais aceitam a amostra.

As características dialetais são encaradas negativamente, indicando uma aceitação parcial dos informantes. Nenhuma variável ultrapassa os 50% em relação ao item “cantada”. Mas os informantes que mais aceitam essa fala são as mulheres, os de meia idade e os de nível de escolaridade II. A E-IV (44,4%) apresenta um índice maior que a E-II (38,8%). Os homens e as mulheres apresentam o mesmo índice em relação ao caráter “lento” desta fala (66,6%). Os mais idosos (79,1%) e a E-III (83,3%) são os que julgam essa fala mais “lenta”. Apenas os índices dos mais velhos e com E-III ultrapassam os 75% no item “lenta”.

TABELA Nº 10 – Aracajuanos julgando características da fala, em relação ao estímulo VI (= E-IV)

CARACTERÍSTICAS		RESPOSTAS AFIRMATIVAS/ VARIÁVEL								
		Sexo		Idade			Escolaridade			
		F	M	FE-I	FE-II	FE-III	E-I	E-II	E-III	E-IV
ESTÉTICAS	“agradável”	80,5%	83,3%	70,8%	87,5%	87,5%	77,7%	94,4%	77,7%	83,3%
	“bonita”	77,7%	63,3%	66,6%	75,0%	70,8%	61,1%	83,3%	72,2%	72,2%
DIALETAIS	“cantada”	50,0%	33,3%	50,0%	41,6%	33,3%	50,0%	38,8%	33,3%	44,4%
	“lenta”	66,6%	66,6%	62,5%	58,3%	79,1%	95,5%	61,1%	83,3%	66,6%
ESTILÍSTICAS	“expressiva”	75,0%	63,3%	66,6%	58,3%	83,3%	61,1%	77,7%	72,2%	66,6%
	“simples”	77,7%	80,5%	66,6%	87,5%	83,3%	66,6%	83,3%	83,3%	83,3%

As características estilísticas são, como as estéticas, bastante acentuadas, demonstrando uma grande aceitação desta fala por parte dos informantes. Apenas os

informantes de meia idade apresentam índice abaixo de 60% no item “expressiva”. Não há, portanto, rejeição a este estímulo. Esta amostra foi mais aceita pelos homens, os mais velhos e com escolaridade universitária ou 2º grau completo.

Após a pergunta que trata das características da voz, questionou-se o português falado na amostra. Os resultados podem ser analisados na tabela nº 11.

Os informantes declararam que a pessoa da amostra fala bem o português, embora essa convicção não tenha sido expressa em índices muito altos. Foi a variável escolaridade que apresentou os índices extremos. A percentagem mais baixa (44,4%) foi dada pelos informantes da E-IV e a mais alta (77,7%) pelos da E-III. As mulheres (52,7%), os mais jovens (54,1%) e os mais escolarizados 44,4% julgaram mais rigidamente a correção do português falado na amostra; entretanto, os que mais o aceitaram foram os homens (65,6%), com FE-II e FE-III (62,5%) e com E-III (75,7%). Não houve nenhum índice abaixo do médio ao informarem que a pessoa da fita-estímulo “se expressa com clareza”. Mesmo os mais escolarizados apresentam um índice de mais de 60%. De qualquer forma, os homens (66,6%), a FE-I (75%) e a E-III (72,2%) são os mais condescendentes quanto à clareza da fala expressa na amostra, enquanto os mais rigorosos foram as mulheres (58,3%), com FE-II (50%) e com E-II (55,5%). Até esses, que menos aceitaram a fala da fita-estímulo, tiveram uma percentagem mínima de 50%.

O estímulo VI, fala de escolaridade superior, não usa uma linguagem culta. Isso foi o que deduzimos nos resultados obtidos. Somente os mais jovens, e com E-II e E-III, atingiram um índice de 50%; aqueles que menos aceitaram o uso da língua culta na amostra foram os homens (41,6%), os informantes da FE-II (37,5%) e das E-I e E-IV (38,8%). Ao fazerem isto, os informantes acharam que a pessoa da fita-estímulo fala como o povo, embora os índices não o confirmem tão categoricamente. Os informantes que tiveram uma resposta mais acentuadas foram os homens (66,6%), os das FE-I e FE-II (66,6%) e com E-IV (77,7%).

TABELA Nº 11 – Aracajuanos julgando modo de falar, em relação ao estímulo VI(=E-IV)

MODO DE FALAR	RESPOSTAS AFIRMATIVAS/ VARIÁVEL								
	Sexo		Idade			Escolaridade			
	M	F	FE-I	FE-II	FE-III	E-I	E-II	E-III	E-IV
“fala bem o português”	66,6%	52,7	54,1%	62,5%	62,5%	50,0%	66,6%	77,7%	44,4%
“se expressa com clareza”	66,6%	58,3	75,0%	50,0%	62,5%	61,1%	55,5%	72,2%	61,1%
“usa língua culta”	41,6%	47,2	50,0%	37,5%	45,8%	38,8%	50,0%	50,0%	38,8%
“fala como o povo”	66,6%	63,8%	66,6%	66,6%	62,5%	72,2%	55,5%	55,5%	77,7%

4.3.2.2 Aracajuanos em relação ao estímulo VII (=E-III)

A atitude dos informantes em relação à amostra da fala com escolaridade universitária não foi muito positiva, conforme poderá ser comprovado na tabela nº12.

As características estéticas nem sempre atingem um índice médio, pois nesta amostra há uma separação bem nítida entre sexos: são as mulheres as que mais rejeitam esta fala, tanto no que diz respeito ao item “agradável” (50%) quanto ao “bonita” (33,3%). Na variável “idade”, foram os mais velhos que apresentaram uma atitude mais positiva, enquanto os que mais rejeitaram esta fala foram os de meia-idade. Na variável “escolaridade”, foram também os de escolaridade mais alta que mais gostaram desta fala, todavia os de E-III (16,6%) julgaram-na “feia”.

Apesar de não terem gostado muito da amostra, quanto à beleza e à agradabilidade, as características dialetais não foram muito estigmatizadas pelos informantes em geral.

No item “cantada”, os homens (66,6%), os mais jovens (75%) e os menos escolarizados (83,3%) são os que mais estigmatizaram a amostra, enquanto as mulheres (61,1%), os de FE-II (41,6%) e da E-II (50%) são os que a julgaram menos “cantada”. Na característica “lenta”, são as mulheres (50%), os de FE-III (62,5%) e os da E-IV (61,1%) os que mais rejeitaram esta fala, enquanto os homens (47,2%), os de FE-I e FE-II (41,6%) e da E-III (38,8%) consideraram-na menos “lenta”.

TABELA Nº 12 – Aracajuanos julgando características de fala, em relação ao estímulo VII (=E-III)

CARACTERÍSTICAS		RESPOSTAS AFIRMATIVAS/ VARIÁVEL								
		Sexo		Idade			Escolaridade			
		F	M	FE-I	FE-II	FE-III	E-I	E-II	E-III	E-IV
ESTÉTICAS	“agradável”	52,7%	50,0%	70,0%	41,6%	58,3%	55,5%	38,8%	44,4%	66,6%
	“bonita”	41,6%	33,3%	41,0%	25,0%	45,8%	33,3%	50,0%	16,6%	50,0%
DIALETAIS	“cantada”	66,6%	61,1%	75,0%	41,6%	54,1%	83,3%	50,0%	66,6%	55,5%
	“lenta”	47,2%	50,0%	41,6%	41,6%	62,5%	50,3%	44,4%	38,8%	61,1%
ESTILÍSTICAS	“expressiva”	41,6%	47,2%	41,6%	54,1%	37,2%	44,4%	44,4%	33,3%	55,5%
	“simples”	55,5%	58,8%	45,8%	54,1%	70,8%	50,0%	66,6%	38,8%	66,6%

Chamamos a atenção para dois índices que se destacam: um da variável “idade” e outro da “escolaridade”, ambos em relação à característica “cantada”. Julgaram esta fala “cantada” 75% dos mais jovens e 83,3% dos menos escolarizados; há uma diferença muito grande em relação às outras faixas etárias e às outras escolaridades.

As características estilísticas, como as estéticas, nem sempre atingem índice médio. Apesar de o índice dos informantes femininos ser superior ao masculino, a diferença é muito pequena. Na característica “expressiva”, nem as mulheres nem os homens alcançam 50% e, na “simples”, a percentagem fica em torno do índice médio. Na variável “idade”, apenas os informantes da FE-II chegam aos 50% quanto à característica “expressiva”. Os mais velhos são os que mais rejeitam essa amostra. Em relação à característica “simples”, somente os mais novos beiram os 50%. Os mais velhos (70%) consideraram a amostra a mais “simples”. Três graus de escolaridade também declararam que esta fala não é “expressiva”; somente os da E-IV (55,5%) conseguiram um índice médio. Em relação à simplicidade, entretanto, apenas uma escolaridade ficou abaixo do índice médio, foi a E-III (38,8).

Se a primeira amostra, que foi mais aceita, não demonstrou altos índices na avaliação do modo de falar, quanto mais esta que apresentou atitudes menos positivas; a tabela nº13 expõe a atitude dos aracajuanos em relação ao estímulo VII.

TABELA Nº 13 – Aracajuanos julgando modo de falar, em relação ao estímulo VII(=E-III).

MODO DE FALAR	RESPOSTAS AFIRMATIVAS/ VARIÁVEL								
	Sexo		Idade			Escolaridade			
	M	F	FE-I	FE-II	FE-III	E-I	E-II	E-III	E-IV
“FALA BEM O PORTUGUÊS”	33,3%	47,2%	45,8%	29,1%	45,8%	38,8%	33,3%	38,8%	50,0%
“SE EXPRESSA COM CLAREZA”	36,1%	44,4%	41,6%	20,8%	58,3%	50,0%	38,8%	32,8%	33,3%
“USA LÍNGUA CULTA”	19,4%	27,7%	25,0%	25,0%	20,0%	38,8%	16,6%	22,2%	16,6%
“FALA COMO O POVO”	80,5%	75,8%	83,3%	83,3%	56,6%	77,7%	77,7%	83,3%	72,2%

Os informantes julgaram que a pessoa da amostra não “fala bem o português”, nem “se expressa com clareza”, sequer “usa a língua culta”. A afirma-

ção mais frequente é que ela “fala como o povo”. O índice para os informantes masculinos foi sempre inferior aos femininos, embora nenhum dos dois tenha atingido 50%. Entretanto, a percentagem para os homens, ao identificarem a fala como “do povo”, é de 80,5%, enquanto as mulheres chegaram aos 75%. Na variável “idade” apenas os mais velhos têm um índice de 58,5% ao afirmarem que a pessoa “se expressa com clareza”. Os índices mais baixos ficam com os informantes da FE-II. Somente os mais velhos têm uma afirmativa fraca (56,6%) ao imaginarem que a pessoa “fala como o povo”. As outras faixas etárias chegam a 83,3%, considerando que a amostra “fala como o povo”. Os índices relativos à variável “escolaridade” também são baixos. Os mais escolarizados, entretanto, julgam que a falante da amostra “tem um bom português” (50%). Todos afirmaram que a pessoa da amostra “fala como o povo”; o menor índice é de 72,2% e pertence à E-IV.

4.3.2.3 *Aracajuanos em relação ao estímulo VIII (E-I)*

A atitude dos informantes em relação à amostra de fala de uma pessoa com escolaridade de 1º grau incompleto não foi tão negativa quanto esperávamos. Houve alguns itens até superiores à amostra anterior, cuja escolaridade era universitária. Mas as características dialetais foram muito estigmatizadas, como podemos comprovar na tabela nº14.

As características estéticas ficam sempre na média ou abaixo dela. Os homens aceitam mais esta fala que as mulheres, tanto no que diz respeito ao item “agradável” (66,6%) quanto “bonito” (55,5%). Na variável “idade” são os mais velhos que acharam a fala mais “agradável” (72,2%) e mais “bonita” (54,1%). No que diz respeito à variável “escolaridade”, são os menos escolarizados que julgam a amostra mais “agradável” (72,2%) e mais “bonita” (61,1%). Apesar de os índices não serem muito altos, os menores índices são aqueles referentes às mulheres (52,7%) e aos de FE-I e FE-II (54,1%) no item “bonita”, e aos da E-III (44,4%) no item “agradável”.

As características dialetais são muito estigmatizadas, principalmente pelos mais escolarizados. Os informantes do sexo masculino acharam esta amostra tão “cantada” quanto “lenta” (75%), os do feminino consideraram-na mais “cantada” (80,5%) que “lenta” (69,4%). Em relação à variável “idade”, são os mais jovens que a declararam mais “cantada” (91,6%) e mais “lenta” (87,5%).

TABELA Nº 14 – Aracajuanos julgando características de fala, em relação ao estímulo VIII (=E-I).

CARACTERÍSTICAS		RESPOSTAS AFIRMATIVAS/ VARIÁVEL								
		Sexo		Idade			Escolaridade			
		F	M	FE-I	FE-II	FE-III	E-I	E-II	E-III	E-IV
ESTÉTICAS	“agradável”	66,6%	52,7%	54,1%	54,1%	70,8%	72,2%	66,6%	44,4%	55,5%
	“bonita”	55,5%	44,4%	54,1%	41,6%	54,1%	61,1%	50,0%	50,0%	50,0%
DIALETAIS	“cantada”	75,0%	80,5%	91,6%	70,8%	70,8%	66,6%	72,2%	72,2%	50,0%
	“lenta”	75,5%	69,4%	87,5%	70,8%	58,3%	44,4%	83,3%	72,2%	88,8%
ESTILÍSTICAS	“expressiva”	52,7%	44,4%	50,0%	50,0%	45,8%	55,5%	55,5%	55,5%	27,7%
	“simples”	58,3%	75,0%	66,6%	62,5%	70,8%	55,5%	55,5%	66,6%	88,8%

Os mais velhos rejeitaram-na menos e julgaram-na, como as mulheres, mais “cantada” (70,8%) que “lenta” (58,3%). Os menos escolarizados são os que mais aceitam esta amostra. Eles não chegaram nem a atingir um índice médio em relação ao item “lenta”. A totalidade dos mais escolarizados declararam-na “cantada” e consideraram-na também “lenta” (88,8%) de acordo com os dados obtidos.

As características estilísticas quase detêm um índice médio. Elas apresentaram uma perfeita proporção em todas as variáveis estudadas: aqueles que reputaram a amostra mais “expressiva” são os que a julgaram menos “simples” ou, contrário, os que a acharam menos “expressiva”, declararam-na mais “simples”. Assim sendo, as mulheres, mais que os homens, consideraram esta fala menos “expressiva” (44,4%), portanto, são elas que detêm o maior índice no item “lenta” (75%). Na variável “idade”, os da FE-II compartilharam da opinião das mulheres; para eles esta amostra é menos “expressiva” (45,8%) e mais “simples” (70,8%). Esta é também a opinião dos mais escolarizados. O menor índice é dos mais escolarizados em relação ao item “expressiva” (27,7%) e o maior é também deles no item “lenta” (88,8%). Os informantes com E-I e E-II tiveram os mesmos índices (55,5%) nessas características.

Era de se esperar que esta amostra fosse menos aceita que as anteriores no que diz respeito ao modo de falar. Os informantes realmente perceberam-na assim, os dados, porém, comprovam uma diferença muito pequena em relação à amostra anterior, cuja fala pertencia a um falante universitário, enquanto o falan-

te desta amostra não tem sequer o 1º grau completo. A tabela nº15 nos mostra esses dados.

A fala da fita-estímulo é tida como de uma pessoa que não “fala bem o português”, mal “se expressa com clareza” e não “usa língua culta”, ao contrário, “fala como o povo”. A opinião dos informantes masculinos é muito mais coerente que a dos femininos. As mulheres apresentam sempre índices um pouco superiores aos dos homens quanto a se tratar de “falar bem o português” (47,2%), “expressar-se com clareza” (55,5%) e “usar a língua culta” (33,6%). Entretanto, no que diz respeito a “falar como o povo” (58,3%), têm uma percentagem bem menor que a dos homens (80,5%). Na variável “idade”, somente 58,3% dos mais novos declararam que a pessoa “se expressa com clareza”. O mais alto índice obtido para o “uso da língua culta” pertence aos mais velhos e chega a 33,3%. Entretanto, são os mais velhos que atingem um índice médio ao afirmarem que a pessoa em questão “fala bem o português”. Os mais jovens têm a menor percentagem (58,3%) ao julgarem que a pessoa da fita-estímulo “fala como o povo”, enquanto os mais velhos apresentam o maior índice (79,1%). A variável “escolaridade” detém o fator determinante desta atitude e o mais coerente. Os menos escolarizados consideraram que a pessoa “fala bem o português” (50%), “se expressa com clareza” (61,1%) e “usa a língua culta” (44,4%). Esses são os maiores índices relativos a esse modo de falar. A percentagem vai decrescendo até atingir o menor índice nos menos escolarizados (61,1%) até os mais escolarizados (77,7%).

TABELA Nº 15 – Aracajuanos julgando modo de falar, em relação ao estímulo VIII(=E-I).

MODO DE FALAR	RESPOSTAS AFIRMATIVAS/ VARIÁVEL								
	"Sexo"		"Idade"			"Escolaridade"			
	M	F	FE-I	FE-II	FE-III	E-I	E-II	E-III	E-IV
"FALA BEM O PORTUGUÊS"	38,8%	47,2%	41,6%	37,5%	50,0%	50,0%	44,4%	38,8%	38,8%
"SE EXPRESSA COM CLAREZA"	47,2%	55,5%	58,3%	33,3%	50,0%	61,1%	50,0%	44,4%	33,3%
"USA LÍNGUA CULTA"	25,0%	33,3%	25,0%	29,1%	33,3%	44,4%	38,8%	16,6%	16,6%
"FALA COMO O POVO"	80,0%	58,3%	53,3%	70,8%	79,1%	61,1%	66,6%	72,2%	77,7%

4.3.2.4 *Aracajuanos em relação ao estímulo IX (=E-II)*

A atitude dos informantes em relação a uma amostra de fala cuja escolaridade era do 2º grau completo não é muito diferente da amostra anterior, cuja escolaridade era 1º grau incompleto. As características dialetais são muito pouco aceitas quanto as da fala anterior, porém, as características estéticas e estilísticas apresentam índices superiores. A tabela nº16 mostra a atitude dos aracajuanos em relação ao estímulo IX.

As características estéticas ficam quase sempre acima do índice médio. Os homens foram mais rígidos que as mulheres no julgamento desta amostra. A opinião deles não atinge o índice médio em relação ao item “bonito” (47,2%). Quanto à variável “idade”, os que apresentam um julgamento mais rígido são os de FE-II, cujo índice relativo a “bonita” é baixo (29,1%). Os mais jovens são os que mais aceitam essa amostra, seguidos dos mais velhos. Na variável “escolaridade”, há uma atitude negativa dos informantes com E-III. Os mais escolarizados apresentam um índice de aceitação de 50% em ambos os itens. Mas são os menos escolarizados que obtiveram as mais altas percentagens de aceitação, 72,2% em relação ao item “agradável” e 55,5%, ao item “bonita”.

As características dialetais são muito estigmatizadas, têm índices inferiores às do estímulo VIII. Os informantes de sexo masculino continuam sendo mais rígidos que os do sexo feminino com essa amostra. O percentual masculino é sempre superior ao feminino, principalmente quanto ao item “lento”, que atinge os 80,5%. Na variável “idade”, são os mais velhos os que apresentam a atitude mais negativa em relação às características dialetais. Aquela atitude negativa dos informantes da E-III aparece novamente; são eles os que mais rejeitaram o estímulo IX. Os da E-I, mais que os dos outros níveis de escolaridade, aceitaram esta amostra. Em relação ao item “cantada” chegaram só aos 44,4%. Eles são seguidos pelos informantes com E-II e E-IV (72,2%), cujo índice de aceitação é bem menor.

As características estilísticas não se distanciam das analisadas até aqui. Elas giram em torno de um índice médio. As mulheres mantêm-se numa atitude positiva em relação ao estímulo IX. Os homens não chegaram nem a considerar esta fala “expressiva” (44,4%). Os mais jovens foram os que julgaram o estímulo IX mais “expressivo” (54,1%) e menos “simples” (62,5%). Os de meia idade, ao contrário, tiveram uma atitude negativa; afirmando-o o menos “expressivo” (37,5%). Entretanto, foram os mais velhos que o declararam o mais “simples” (79,1%). Há uma mudança de comportamento na variável escolaridade: são os

informantes com E-II os que menos aceitaram esta fala. Somente 38,8% deles reconheceram o estímulo como “expressivo” e 77,7% acharam-no “simples”. Apenas os das E-III e E-IV atingem um índice médio em relação ao item “expressiva”, mas eles também são possuidores de índices altos quanto a “simples” (72,2% e 66,6%, respectivamente).

TABELA Nº 16 – Aracajuanos julgando características de fala, em relação ao estímulo IX (=E-II).

CARACTERÍSTICAS		RESPOSTAS AFIRMATIVAS/ VARIÁVEL								
		"Sexo"		"Idade"			"Escolaridade"			
		F	M	FE-I	FE-II	FE-III	E-I	E-II	E-III	E-IV
ESTÉTICAS	"agradável"	50,0%	66,6%	62,2%	54,1%	58,3%	72,2%	66,6%	38,8%	50,0%
	"bonita"	47,2%	50,0%	58,3%	29,13%	58,3%	55,5%	55,5%	33,3%	50,0%
DIALETAIS	"cantada"	69,4%	63,3%	70,8%	58,8%	70,8%	44,4%	72,2%	77,7%	72,2%
	"lenta"	80,5%	61,1%	66,6%	70,8%	75,0%	61,1%	66,6%	88,8%	77,7%
ESTILÍSTICAS	"expressiva"	44,4%	50,0%	54,1%	37,5%	50,0%	44,4%	38,8%	50,0%	55,5%
	"simples"	66,6%	72,2%	62,5%	66,6%	79,1%	66,6%	77,7%	72,26%	66,6%

O estímulo IX é o menos aceito dentre as amostras da fala aracajuana. A diferença em relação ao anterior chega a ser grande, principalmente no que diz respeito à “clareza”, embora esta fala pertença a uma pessoa com 2º grau incompleto e a anterior, com 1º grau incompleto. A tabela nº17 permite a análise comparativa desses resultados.

O estímulo IX é o que recebeu respostas mais negativas. Os informantes declararam que a pessoa da fita-estímulo não “fala bem o português”, pois os índices foram os mais baixos. A variável “escolaridade” apresentou os índices extremos; o mais baixo (11,1%) foi dado pelos informantes da E-III e o mais alto (39,8%), pelos da E-IV. As mulheres (19,4%), os da FE-II (20,8%) e os

da E-III (11,1%) foram os mais rígidos em seus julgamentos quanto à correção do português falado na amostra, enquanto os que mais a aceitaram foram os informantes masculinos (30,5%), os da FE-III (29,1%) e da E-IV (38,8%). Houve apenas dois índices médios ao tratar-se de a amostra “se expressar com clareza”: os mais jovens (54,1%) e os da E-I (50%). Os homens (33,3%), os da FE-II (25%), os mais jovens e de E-III (22,2%) tiveram uma apreciação menos favorável quanto à clareza expressa na amostra; já as mulheres (38,8%), os da FE-I (54,1%), e os da E-I (50%) foram os mais condescendentes.

A falante da amostra não “usa a língua culta”. Foi isso que deduzimos dos dados obtidos. Nenhuma das variáveis atingiu 40%. Aqueles que mais negaram o uso da “língua culta” na amostra foram os homens (19,4%), os de FE-II (8,3%) e os das E-I e E-II (16,6%). Ao negarem o uso da “língua culta”, os informantes declararam que a falante do estímulo IX “fala como o povo”. Na variável “escolaridade”, o julgamento mais baixo foi dado pelos informantes da E-II, e o mais alto (83,3%) pela E-I. A variável “idade” não apresentou diferenças, porque os índices foram os menos (75%). Os homens (77,7%), mais que as mulheres (72,2%), consideraram que a pessoa da fita-estímulo “fala como o povo”.

TABELA Nº 17 – Aracajuanos julgando modo de falar, em relação ao estímulo IX (=E-II).

MODO DE FALAR	RESPOSTAS AFIRMATIVAS/ VARIÁVEL								
	“Sexo”		“Idade”			“Escolaridade”			
	M	F	FE-I	FE-II	FE-III	E-I	E-II	E-III	E-IV
“FALA BEM O PORTUGUÊS”	30,0%	19,4%	25,0%	20,8%	29,1%	22,2%	27,7%	11,1%	38,8%
“SE EXPRESSA COM CLAREZA”	33,3%	38,8%	54,1%	25,0%	29,1%	50,0%	27,7%	22,2%	44,4%
“USA LÍNGUA CULTA”	19,9%	25,0%	37,5%	8,3%	20,8%	16,6%	16,6%	27,7%	27,7%
“FALA COMO O POVO”	77,7%	72,2%	75,0%	75,0%	75,0%	83,3%	66,6%	72,2%	77,7%

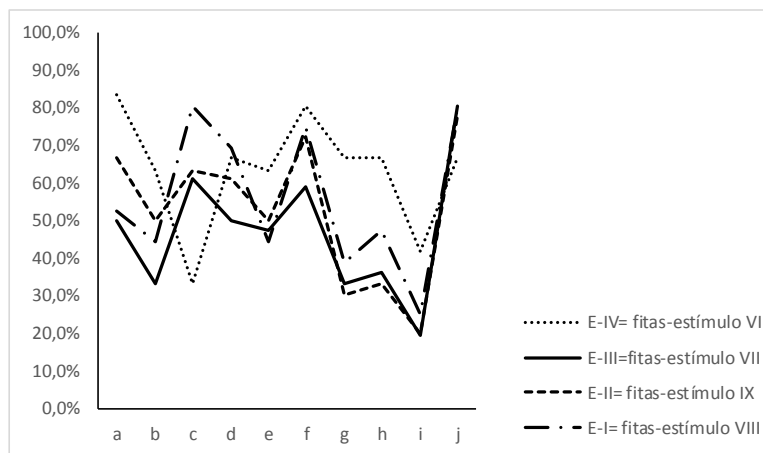
4.3.2.5 Considerações gerais sobre os estímulos VI, VII, VIII e IX

A atitude mais positiva dos informantes de sexo masculino foi em relação ao estímulo VI, cuja voz é de uma falante com nível de escolaridade IV. É essa

fala que é considerada a mais “agradável” (83,3%), a mais “bonita”, (63,3%), a mais “expressiva” (63,3%), a mais “simples” (66,6%). Ao contrário, é ela a menos “cantada” (33,3%) e a que menos “fala como o povo” (66,6%). Apesar de um índice de julgamento do “uso de língua culta” estar abaixo da média, é o mais alto (41,6%). Já a fala mais “cantada” é a do estímulo VIII (75%), cuja voz é de uma falante com grau de escolaridade I, e a mais “lenta” é a do estímulo IX (80,5%), cuja voz é de uma falante com grau de escolaridade II. Interessante é que a menos aceita não é a de escolaridade mais baixa, apesar de ser a mais “cantada” (75%). Os índices mais baixos ficam entre os falantes com escolaridade II e III, que correspondem aos estímulos IX e VII respectivamente. O estímulo IX é julgado como o menos “agradável” (50%), mais “lento” (80,5%), que “fala o pior português” (30,5%), enquanto o estímulo VIII é o menos “bonito” (41,6%), menos “expressivo” (41,6%), menos “simples” (55,5%), mas, apesar disso, é o menos “lento” (41,6%). Esses dois estímulos (o VII e o IX) obtêm o índice mais baixo para a afirmação “usa língua culta” (19,4%), enquanto o estímulo VII e o VIII obtêm a maior percentagem para “fala como o povo” (80,5%). O gráfico n°19 demonstra as atitudes dos informantes do sexo masculino.

GRÁFICO N° 19 Atitudes de informantes masculinos em relação aos estímulos VI, VII, VIII e IX.

- a) agradável
- b) bonita
- c) cantada
- d) expressiva
- e) lenta
- f) simples
- g) fala bem o português
- h) se expressa com clareza
- i) usa a língua culta
- j) fala como o povo.

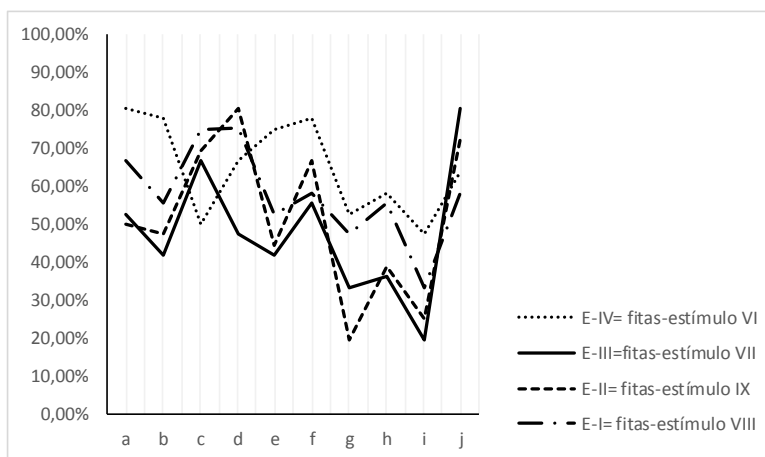


Como vemos, apesar de o falante com grau de escolaridade mais alto ser o mais aceito, o contrário não é verdadeiro. Isso demonstra que nem sempre a escolaridade influi no julgamento de uma fala.

Os informantes de sexo feminino corroboram o julgamento dos homens. As atitudes mais positivas são também em relação ao estímulo VI. É esta falante que tem a fala mais “agradável” (80,5%), mais “bonita” (77,7%), mais “expressiva” (75%), mais “simples” (77,7%), que “melhor fala o português” (52,5%), mais se “expressa com clareza” (58,3%). E é ela a que detém a menor percentagem de “cantada” (50%); mesmo assim, é um índice médio. Coerentemente com a atitude masculina, os informantes femininos também julgam as falantes dos estímulos VII e IX como as menos aceitas. A fala do estímulo VII é a menos “agradável” (50%), menos “bonita” (33,3%), menos “lenta” (50%) e a que mais “fala como o povo” (75%). Enquanto a do estímulo IX é a que fala o “pior português” (19,4%), menos “se expressa com clareza” (38,7%) e menos “usa a língua culta” (25%). Há um resultado totalmente contrário nos percentuais obtidos dos informantes femininos, comparado com os masculinos. Enquanto os homens declararam que a voz do estímulo VIII é a que mais “fala como o povo” (80,5%), as mulheres afirmaram justamente o contrário: o estímulo VIII é o que menos “fala como o povo” (59,3%). O gráfico nº 20 representa a atitude dos informantes femininos em relação à fala aracajuana com graus de escolaridade diferentes.

GRÁFICO Nº 20 Atitudes de informantes femininas em relação aos estímulos VI, VII, VIII e IX.

- a) agradável
- b) bonita
- c) cantada
- d) expressiva
- e) lenta
- f) simples
- g) fala bem o português
- h) se expressa com clareza
- i) usa a língua culta
- j) fala como o povo.



A variável “idade” não apresenta resultados muito diferentes da variável “sexo”. A fala que recebe atitudes mais positivas continua sendo a do estímulo VI, e o estímulo VII é também o que tem as atitudes mais negativas. A fala mais “cantada” é sempre a do estímulo VIII, cuja voz pertence a uma falante com 1º grau incompleto.

Para os informantes mais novos, a fala mais “agradável” (70,8%), a mais “bonita” (66,6%), a mais “expressiva (66,6%), a mais “simples” (66,6%), a que fala “melhor português” (54,1%), que mais “se expressa com clareza” (75%) e mais “usa a língua culta” (50%) é a fala do estímulo VI. Esta fala é também considerada a menos “cantada” (50%). Ao contrário, a falante do estímulo VII, cuja escolaridade era universitária, é que detém os menores índices nas respostas. Ela é vista como a menos “agradável” (50%), menos “bonita” (41,6%), menos “expressiva” (41,6%), menos “lenta” (41,6%), menos “simples” (45,8%), a que menos “se expressa com clareza” (41,6%), e a que mais “fala como o povo” (83,3%).

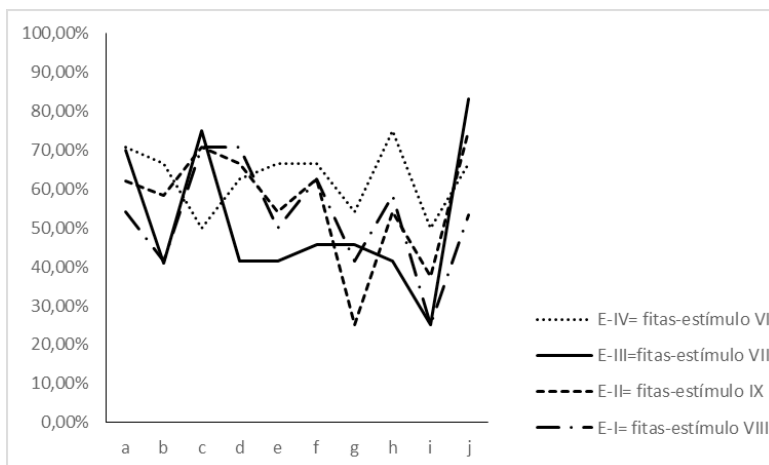
A fala deste estímulo e a do estímulo VIII são tidas como as que menos “usam a língua culta” (25%). Concordando com a atitude dos informantes femininos, o estímulo VIII é considerado o mais “cantado” (91,6%) e o mais “lento” (87,5%).

O estímulo IX é apenas considerado o que fala o “pior português” (25%), mas recebe o segundo maior índice para o item “agradável” (62,5%). Convém lembrar que foi a fala deste mesmo estímulo (IX) que foi considerada a menos “agradável” para os informantes masculinos.

O gráfico nº21 nos dá a atitude dos informantes mais novos.

GRÁFICO Nº 21 Atitudes de informantes da FE-I em relação aos estímulos VI, VII, VIII e IX.

- a) agradável
- b) bonita
- c) cantada
- d) expressiva
- e) lenta
- f) simples
- g) fala bem o português
- h) se expressa com clareza
- i) usa a língua culta
- j) fala como o povo.



Em relação aos informantes com idade entre 31 e 50 anos, o estímulo IX divide com o estímulo VII as atitudes mais negativas; as mais positivas pertencem novamente ao estímulo VI.

É esta falante que recebe os índices mais altos em relação aos itens “agradável” (87,5%), “bonito” (75%), “expressivo” (58,3%), “simples” (87,5%), “fala bem o português” (62,5%), “se expressa com clareza” (50%) e “usa a língua culta” (37,5%). Ao contrário, é o menos “cantada” (41,6%) e a que menos “fala como o povo” (66,6%).

O falante do estímulo VIII continua sendo considerado o que tem a fala mais “cantada” (70,8%), a fala mais “simples” (70,8%) pertence às falantes dos estímulos VIII e IX.

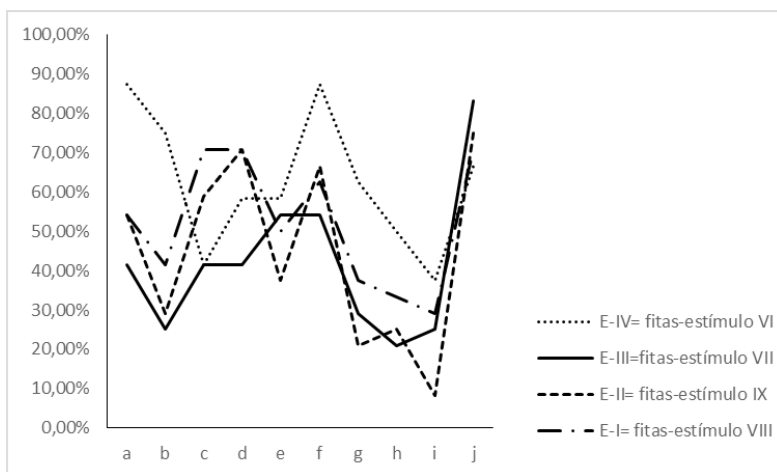
A fala menos “expressiva” (37,5%), a que fala o “pior português” (20,8%) e “menos usa a língua culta” (8,3%) é a do falante do estímulo IX. Essa atitude confirma a atitude dos informantes masculinos.

Da mesma forma que os informantes mais novos, os informantes da FE-II também consideram a falante do estímulo VII como a que detém os índices mais baixos. É ela que é tida a que tem a fala menos “agradável” (41,6%), menos “bonita” (25%), menos “cantada” (41,6%), menos “lenta” (41,6%), menos “simples” (54,1%) e a que menos “se expressa com clareza” (20,8%).

O gráfico nº 22 mostra a atitude dos informantes da faixa etária II, com relação à fala aracajuana nos quatro graus de escolaridade.

GRÁFICO Nº 22 Atitudes de informantes da FE-II em relação aos estímulos VI, VII, VIII e IX.

- a) agradável
- b) bonita
- c) cantada
- d) expressiva
- e) lenta
- f) simples
- g) fala bem o português
- h) se expressa com clareza
- i) usa a língua culta
- j) fala como o povo



A atitude dos informantes mais velhos nos dá resultados diferentes, em relação às outras faixas etárias. Entretanto, a falante do estímulo VI continua sen-

do a que tem a fala mais “agradável” (87,5%), mais “bonita” (70,8%), menos “cantada” (33,3%), mais “lenta” (79,1%), mais “expressiva” (83,3%), e, conseqüentemente, fala o “melhor português” (62,5%), mais “se expressa com clareza” (62,5%), mais “usa a língua culta” (45,6%) e menos “fala como o povo” (62,5%).

A fala menos agradável (58,3%), para os informantes mais velhos, pertence aos estímulos VII e IX. A fala do estímulo VII é ainda considerada a menos “bonita” (45,8%) e a menos “expressiva” (37,5%).

Para os informantes de faixa etária mais alta, todas as quatro falas são expressivas, haja vista que as falas menos “expressiva” (70,8%), pertencentes aos estímulos VII e VIII, ultrapassam os 70%.

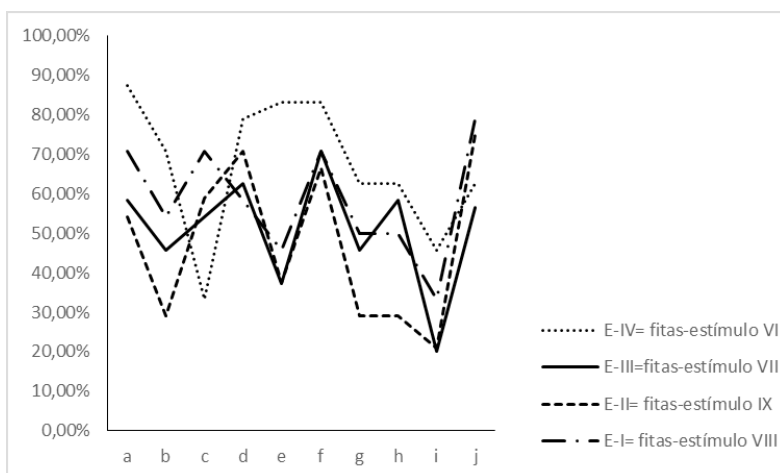
A fala mais “cantada” (70,8%) é a dos estímulos VIII e IX; e a menos “lenta” é a do estímulo VIII. Lembramos que foi este estímulo (o VIII) que foi considerado pelas outras duas faixas etárias como possuidor da fala mais “lenta”. É também o estímulo VIII aquele que mais “fala como o povo” (79,1%).

A falante que apresenta o “pior português” (29,1%), menos “se expressa com clareza” (29,1%) e menos “usa a língua culta” (20,8%) é a do estímulo IX.

O gráfico n° 23 retrata a atitude dos informantes mais velhos.

GRÁFICO N° 23 Atitudes de informantes da FE-III em relação aos estímulos VI, VII, VIII e IX.

- a) agradável
- b) bonita
- c) cantada
- d) expressiva
- e) lenta
- f) simples
- g) fala bem o português
- h) se expressa com clareza
- i) usa a língua culta
- j) fala como o povo



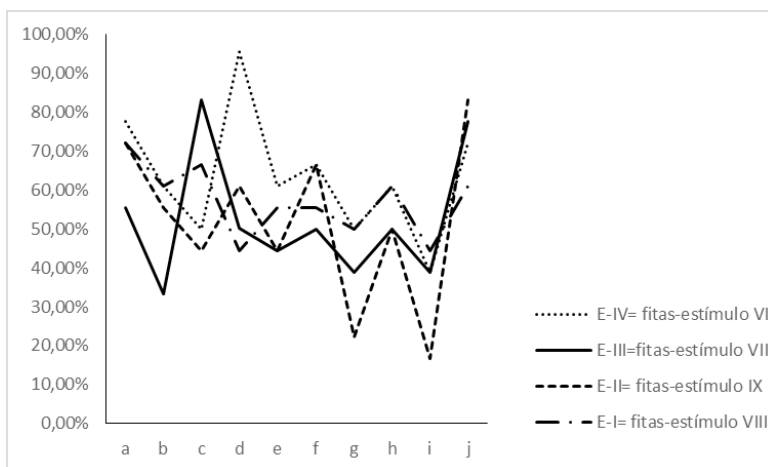
A variável “escolaridade” confirma as variáveis anteriores com relação ao estímulo mais aceito. O estímulo VI detém as atitudes mais positivas dos

quatro graus de escolaridade estudados. É o que tem a fala mais “agradável”, mais “bonita”, mais “expressiva”, mais “simples” e que mais “se expressa com clareza”.

Para os informantes com grau de escolaridade I, o estímulo VI divide com o estímulo VIII o título de ter a fala mais “bonita” (61,1%), “fala melhor o português” (50%), mais “se expressa com clareza” (61,1%). Esses dados nos mostram que a escolaridade não influi no juízo do informante. Seu julgamento é, acima de tudo, subjetivo ou advindo de seus contatos linguísticos com falantes que tenham algumas características semelhantes à da fala ouvida. O gráfico n° 24 nos permite visualizar as atitudes de informantes com escolaridade I, em relação aos estímulos VI, VII, VIII e IX. Mais uma vez, os informantes com escolaridade I emitem um julgamento em relação à língua culta, o que demonstra o seu desejo de ascensão linguística. Como eles não têm instrução formal e não sabem talvez o que significa “língua culta”, dão ao falante com 1º grau incompleto o maior índice (que não chega nem à média – 44,4%) referente a “usar a língua culta”, e o menor (16,6%) ao falante com 2º grau incompleto, que detém também o maior índice de “falar como o povo” (83,3%). A amostra mais “cantada” (83,3%), na opinião dos informantes com escolaridade I, é a do estímulo VII, fala pertencente a uma universitária.

GRÁFICO N° 24 Atitudes de informantes da E-I em relação aos estímulos VI, VII, VIII e IX.

- a) agradável
- b) bonita
- c) cantada
- d) expressiva
- e) lenta
- f) simples
- g) fala bem o português
- h) se expressa com clareza
- i) usa a língua culta
- j) fala como o povo



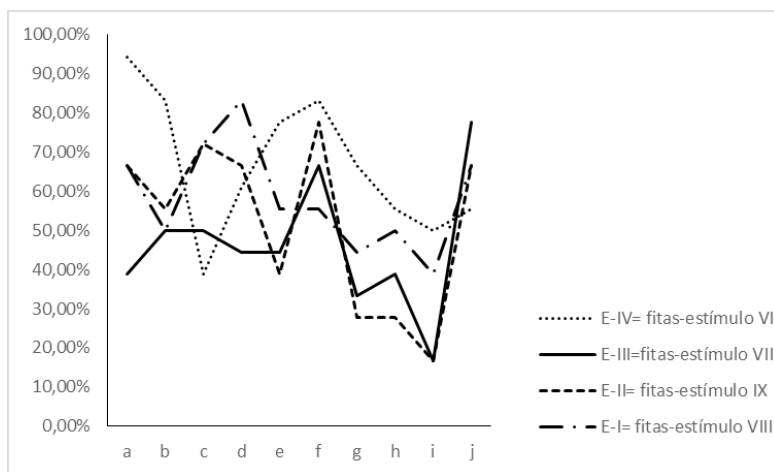
Os informantes com escolaridade II apresentam uma atitude mais consistente. Para eles, a fala mais “bonita” (94,4%), mais “agradável” (83,3%), mais

“expressiva” (77,75%), que “fala melhor o português” (66,6%), que mais “se expressa com clareza” (55,5%) e que “mais usa a língua culta” (50%) é a do estímulo VI. Confirmando essa atitude, é ela também a menos “cantada” (38,8%), a menos “simples” (55,5%) e a que menos “fala como o povo” (55,5%). A mais “lenta” (83,3%) é a do estímulo VIII, a mais “simples” (83,3%) é a do estímulo VI e a que mais “fala como o povo” (77,7%) é a do estímulo VII. As falantes que têm a fala mais “cantada” (72,2%) são as dos estímulos VIII e IX. A fala menos “agradável” (38,8%) e a menos “lenta” (44,4%) é a do estímulo VII; enquanto a menos “expressiva” (38,8%) é a do estímulo IX.

Se, para os informantes com escolaridade I, o estímulo VIII divide com o VI o título de ser a fala mais “bonita”, para os informantes com escolaridade II, os estímulos VIII e VII são julgados de forma contrária: eles são vistos como apresentando fala menos “bonita” (50%). Mais uma vez, vemos como é subjetiva a questão da atitude linguística. Se bem que os nossos dados têm que ser tomados sempre como tendências do que acontece ou poderá acontecer e nunca objetivamente. O gráfico n° 25 nos dá as atitudes dos informantes com escolaridade II.

GRÁFICO N° 25 Atitudes de informantes da E-II em relação aos estímulos VI, VII, VIII e IX.

- a) agradável
- b) bonita
- c) cantada
- d) expressiva
- e) lenta
- f) simples
- g) fala bem o português
- h) se expressa com clareza
- i) usa a língua culta
- j) fala como o povo



Se olharmos o gráfico n° 26, tendo só em mente verificar a atitude mais positiva, não encontraremos diferença em relação ao gráfico n° 25. Os índices algumas vezes mudam, outras não, mas continua sendo o estímulo VI o mais aceito para os informantes com escolaridade III. É esta falante que possui a fala

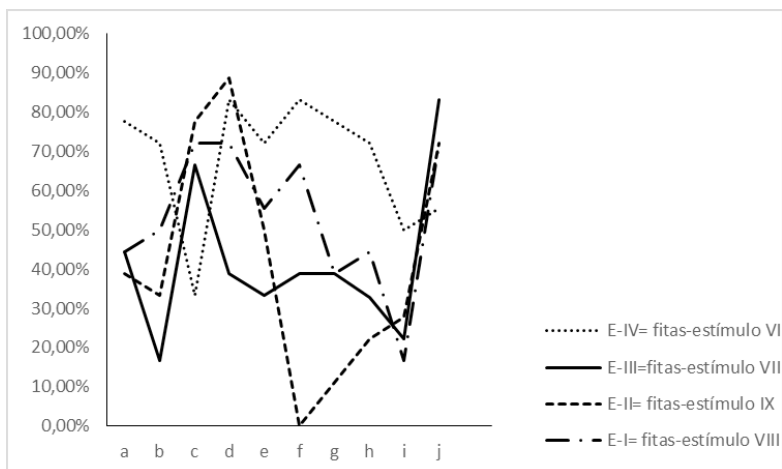
mais “agradável” (77,7%), mais “bonita” (72,2%), menos “cantada” (33,3%), mais “expressiva” (72,2%), mais “simples” (83,3%), com o “melhor português” (77,7%), que mais “se expressa com clareza” (72,2%), que mais “usa a língua culta” (50%) e que menos “fala como o povo” (55,5%).

A falante do estímulo IX, entretanto, passa a ser considerada a possuidora da fala mais “cantada” (77,7%), mais “lenta” (88,8%), menos “agradável” (38,8%), que fala o “pior português” (11,1%) e menos se “expressa com clareza” (22,2%).

Já o estímulo VII apresenta uma falante que mais “fala como o povo” (83,3%), possui a fala menos “bonita” (16,6%), menos “lenta” (38,8%), menos “expressiva” (33,3%) e menos “simples” (38,8%).

GRÁFICO Nº 26 Atitudes de informantes da E-III em relação aos estímulos VI, VII, VIII e IX.

- a) agradável
- b) bonita
- c) cantada
- d) expressiva
- e) lenta
- f) simples
- g) fala bem o português
- h) se expressa com clareza
- i) usa a língua culta
- j) fala como o povo



Os informantes com E-IV concordaram na maioria dos itens com o julgamento dos outros graus de escolaridade. O estímulo VI continua merecendo o título de ter a fala mais “agradável” (38,3%), mais “bonita” (72,2%), mais “expressiva” (66,6%), que mais se “expressa com clareza” (61,1%) e “usa a língua culta” (38,8%). No que diz respeito à afirmação “fala como o povo” (77,7%), recebe a mesma percentagem que o estímulo VIII e o IX. O estímulo VII é o que menos “fala como o povo”, mas seu índice (72,2%) é tão próximo ao dos outros que não é significativo. É interessante notar que a E-IV não julgou o estímulo VI como o que “fala melhor o português”. Ele tem uma percentagem abaixo de 50%, enquanto o estímulo VII, que é tido como o que “fala melhor o português”,

apenas atinge a média. Em outras palavras, os informantes da E-IV declararam que nenhuma fala apresentada como estímulo “fala bem o português”. É uma atitude muito purista e muito rígida da E-IV, considerando-se principalmente que ela sempre foi mais liberal em seus julgamentos. A fala mais “simples” (38,8%), mais “lenta” (88,8%) e mais “cantada” (100%) é a do estímulo VIII, cuja voz é de um falante com 1º grau incompleto. Esse mesmo estímulo, que recebe os maiores índices nas características mais estigmatizadas – as dialetais –, é tido como menos “bonito” (50%), menos “expressivo” (27,7%), que menos “fala bem o português” (38,8%), menos “se expressa com clareza” (33,3%) e menos “usa a língua culta” (16,6%). Sendo assim, o estímulo VIII divide com o VII e o IX a característica de serem as falas menos aceitas. O gráfico nº 27 representa a atitude dos informantes com E-IV.

GRÁFICO Nº 27 Atitudes de informantes da E-IV em relação aos estímulos VI, VII, VIII e IX.

- a) agradável
- b) bonita
- c) cantada
- d) expressiva
- e) lenta
- f) simples
- g) fala bem o português
- h) se expressa com clareza
- i) usa a língua culta
- j) fala como o povo

